TÍTULO DA OBRA: **3 VIDAS** **(Antigo Egito, Europa e Brazil)**

Ditado pelo Espírito Preto-Velho Estefano do Oriente

Psicografado por Miriam (Prestes) de Oxalá

ESSA OBRA ENCONTRA-SE SOB REGISTRO DE DIREITOS AUTORAIS SOB No. REGISTRO 338.959 LIVRO: 623 FOLHA: 119 JUNTO À FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. TODOS OS DIREITOS DA AUTORA RESERVADOS.

RECORDAÇÕES PRIMEIRAS

Recordar vidas é como mergulhar em um poço escuro, profundo. Ou como recordar amores. Alguns, inesquecíveis. Outros, de tão vagos, ventos dos quais já nem lembramos mais. Há tempos tento convencer a médium a escrever. Finalmente, rompemos essa barreira.

Estou aqui ao seu lado, inspirando-lhe. Toco-lhe mansamente o plexo frontal e ela escreve. Ora veloz, ora a escutar-me. Escreva, repito. Prossiga...

A lembrança que trago mais forte dessa vida é estar no terraço da casa de meus pais observando ao longe a água lodosa, marrom-esverdeada do Nilo. Acácias, palmeiras. A terra escura contrastando com o amarelo, presente em tudo o mais a volta. Busco em meu coração o que se passava em minha mente naquele dia. Tristeza. Alguém de minha família havia morrido e a notícia chegara com apreensão. Morte significava mudanças políticas, o mover das peças do senet (*) sobre o tabuleiro em busca da eternidade. Vivíamos tempos obscuros de confusão. Eram tempos difíceis e ruins.

Eu orgulhava-me de ter, em minhas veias, o sangue real. Não que isso, no Egito, fosse incomum. As famílias eram numerosas e muitos eram parentes. Meu pai era um grande proprietário de terras perto do que hoje chamam Luxor e tínhamos posses. Essas posses fizeram com que eu fosse separado de minha mãe muito cedo. Lembro como chorava quando me conduziram ao grande templo do Sol (*) para lá servir, como tantos outros jovens de nosso tempo. Aliás, o sacerdócio foi uma atividade constante em inumeráveis vidas minhas. Fui sacerdote no Egito, sacerdote cristão na Europa, sacerdote em terras africanas, vida ao qual não narrarei aqui. Certo é que aprendi muito. E cometi erros dos quais carreguei como pesada cruz em redenção, liberdade que só consegui sob os grilhões na pele de escravo, na abençoada terra do Cruzeiro. Escravidão e liberdade. Contraditório, porém esse foi o caminho que Deus traçou para mim.

O grande templo do Sol era uma gigantesca floresta de colunas de pedra, em eterna penumbra. Pelas grades do teto entravam raios de luz e a profusão de cores de suas pinturas murais era intensa. Relevos mostravam gerações de reis que construíram e ampliaram aquele lugar. Recordo o forte aroma de incenso, acre, que ardia dia e noite. Era feito de pó de madeira, perfume e resina em longas e grossas varetas que queimávamos em potes de óleo incandescente. Pela minha ascendência, vivia no recinto mais interior do templo, privilégio para poucos, vindos das melhores famílias. Enquanto sacerdotes menores ocupavam-se dos serviços comuns ou atendimento ao povo, éramos destinados ao recolhimento e estudo. Naqueles tempos o rigor do aprendizado garantiu-me muitas punições vindas dos mestres. Contudo, era afeito à disciplina e aceitava tudo com relativa tranqüilidade.
O dia mais glorioso foi quando, pela primeira vez, pude assistir à abertura da nave, que se localizava no miolo do templo. Lá, sentado em majestoso trono de cedro, cravejado de pedras e folheado à ouro, estava sentado o deus. Sua pele cintilava, sob os véus de

(*) Senet é um tipo de jogo de tabuleiro egípcio.
(*) Compreendo que seria o Templo de Rá, em Heliópólis (On). (a autora)

linho fino. Lá era banhado, lavado com perfumes e óleos, incensado, recebendo a visita de sua esposa, a sacerdotisa que lhe tocava o sistro, cantando-lhe melancólicas melodias de amor. Ser a esposa do deus significava ser a filha do rei ou das famílias mais importantes do país, pelo tempo que o oráculo achasse necessário. Diariamente cestas de carnes, frutos, flores bem como toda a sorte de jarras dos melhores vinhos eram postos aos seus pés em aparadores e, quando chegava o pôr-do-sol, eram queimados. Acreditávamos que os vapores das ofertas chegariam aos Céus, até sua gloriosa barca e afugentaria, abrandaria, a grande serpente que tentava impedir-lhe a trajetória do nascente ao poente.
Fui encarregado das escritas e, dentre muitos ali, copiávamos o dia inteiro os textos sagrados, em longas filas de escribas sentados ao chão. Jejuávamos e nossos sentidos eram despertos, através de exercícios, à espiritualidade. Os fenômenos mediúnicos eram os mesmos hoje, ontem e naqueles tempos tão remotos. O que era diferente era a férrea disciplina que tínhamos nos templos. Ninguém se aventurava a dizer que havia visto ou ouvido isso ou aquilo, tomando para si a função de vidente. Éramos convidados ou não a participar dos ritos e o oráculo existia em todos os templos do Egito. Poucos selecionados eram escolhidos para pronunciar a vontade do deus e, tal seleção, era a garantia da chegada de tesouros em agradecimento, mantendo o templo funcionan-

do em plenitude. Mensalmente o faraó enviava animais para nosso sustento e, comentávamos entre nós, das muitas graças alcançadas e da generosidade do rei quando o deus alertava-lhe de perigos e indicava-lhe caminhos seguros.
O templo do Sol foi, durante toda a história de minha Nação, uma referência. Os primeiros reis foram coroados sob suas bênçãos. Assim foi no princípio, assim foi no fim.
Os homens chamaram-me Rá-Antef-Khopher-Antef, em pronúncia aproximada. Em tempo e dia determinado pelos deuses que povoam a barca. Os deuses da lama assim decidiram. Assim foi.
Um nome ao qual não gosto de recordar, mesmo que seja ainda conhecido por ele, na espiritualidade.
O sacerdócio menor não tinha todo esse conhecimento. Eu tive. Ao copiar os textos sagrados, aprendíamos tudo sobre magia. Era solenemente proibido pronunciar qualquer uma das fórmulas ou como misturar os diversos elementos para os mais diversos fins. Os magos, no Egito, sabiam o valor mágico das palavras. Cada palavra era a materialização de um pensamento. Pensamento é vontade. Vontade é forma. Forma é criação. A palavra era tão importante que apenas Ísis conhecia o nome verdadeiro do deus. E, por isso, era a mais poderosa das deusas. Por isso foi capaz de tolher a força inigualável do lanceiro da barca e auxiliar seu filho. Por isso também Ísis trazia o disco solar na cabeça. Nessa forma, significava o conhecimento pleno, esotérico, a amplitude do chacra coronário em resplandecer de luz.
Muitos dos textos foram queimados ou perdidos. Pouquíssima coisa foi preservada, de menor importância. Mas o conhecimento é eterno, graças ao mediunismo. O mediunismo é o grande elo, a grande ponte que traz à terra tudo o que está gravado no astral por milênios. Nada será perdido ou escondido, portanto.
Minha mãe morreu cedo, de desgosto. Meu pai contraiu segundas núpcias e esqueceu-se, por completo, da primeira esposa. Mulher nobre e digna, sempre reivindicou a si e aos filhos sua atenção. Fragilizou-se e definhou até sua morte. Minha família comentava que a segunda esposa havia convocado feiticeiros para matá-la. Muitos viram a entrada e a saída desses homens repugnantes de nossa casa, recobertos de presentes. Esse fato moldou-me o caráter e fez jurar, a mim mesmo, que vingaria sua morte. Que haveria de tornar-me um grande mago e que seus filhos não haveriam de herdar os bens de meu pai. Não houve um dia que não alimentasse o ódio e que deixasse de arquitetar como haveria de fazê-lo. Com esse objetivo em mente, passei a peneirar informações e prestar mais atenção aos escritos.

Como vêem, a Humanidade é a mesma ontem, hoje e esperamos sua mudança, em passos mais curtos, mesmo que lentos, em direção ao Altíssimo. Fato é que há mudanças. Como relatarei a seguir.
Assim como tínhamos excelentes refeições, perfeita higiene e angariávamos o conhecimento, todo o resto do povo mergulhava na mais sombria, na mais absurda miséria. A conduta social, a moralidade tinha de ser regida por leis draconianas, leis de talião, que tão bem o Povo de Israel soube captar de nós. A massa, inculta e perniciosa, mergulhada na mais cruel superstição, ia e vinha dominada pelas paixões. Naqueles tempos o Egito existia sob lutas políticas, reis fracos, sem credibilidade e juízes corruptos. Por toda a parte o país mergulhava em corrupção e a entrada de estrangeiros preocupava a todos nós. A linhagem real já não era mais pura, nem o faraó era mais digno de ser o grande Filho do Sol. Sua coroa, seus templos e esculturas não retratam o que sentíamos naqueles tempos.
Tebas (Wasit) já fervilhava e o encontro constante das nobres famílias ali era indício que viriam mudanças.
Vejo como a mensagem de Cristo foi capaz de alterar o ânimo das nações. Percebo, hoje, uma melhoria notável no campo dos sentimentos, coisa que, outrora, não havia. Piedade, amor, compreensão eram valores muito distantes do ensinamento nos lares. Um conformismo degradante obrigava o camponês a lavrar a terra, cabisbaixo, sem compreender o porquê, nem alimentar a menor expectativa de melhoria. Todos queriam chegar no julgamento, frente à Osíris, recitar o Livro dos Mortos e livrar-se por completo das culpas. O sacerdócio alimentava tais idéias que eram muito lucrativas. E o povo acreditava que, pela magia do clero, seria possível burlar o olhar divino sobre suas ações...
Maat não significava o pensamento limpo, mas a ordem do Universo. E sua pluma sempre era mais leve na balança dos ricos, que podiam pagar pelos melhores ritos de purificação nos funerais. Todos queriam levar seus bens para a vida após a morte. Abarrotavam seus túmulos, agarravam-se às imagens de seus servos e servas que haveriam de servir-lhe na eternidade. Quanta surpresa quando, ao invés disso, seu túmulo abarrotado tornava-se pesada âncora que o imantava aos restos mortais por décadas... alguns, por séculos... outros, milênios!
Muitos têm, no Egito, a imagem romântica da espiritualidade superior. Sim e não. Proporcional ao conhecimento era a ignorância das leis divinas. A lei de ação e reação estava muito longe dos corações...
E, nesses tempos, também ficou longe de meu coração.
Diferentemente do baixo sacerdócio, pude escolher prosseguir no templo. Os sacerdotes mais graduados não deveriam casar. Não que isso significasse o

celibato, mas a exclusividade ao templo exigia toda a nossa energia e atenção. Dedicado, hábil nas palavras, despertei a atenção de meus superiores. E, por ter a influência de meu pai e de minha linhagem, enverguei as vestes imaculadamente brancas e o colar de ouro e turquesas que identificava o alto clero. Ambicionava o sumo-sacerdócio, mas não haveria de ser fácil.
Meu caminho era outro.
Alguns anos mais tarde, manipulava as energias e as ofertas aos deuses com maestria. Sabia como fazer magia positiva ou negativa, mas a segunda me fascinava mais do que tudo. Tinha uma facilidade nata para a manipulação do pensamento criando idéias obsessivas e, logo em seguida, descobri o melhor dos dons: adoecer pessoas, enviando-lhes farpas deletérias com relativa facilidade. Curava quando queria ou atirava alguém ao leito minado de febres e temores. Nós, médiuns, éramos preciosos ao templo. Assim os sacerdotes mantinham sob cabresto quem lhes interessava. E muitas vezes fui convocado a punir esse ou aquele, unido a meus irmãos.
Eis porque digo, e afirmo, que os templos eram locais de aprendizado e queda.
No dia que minha mãe morreu, fui chamado às pressas ao meu lar. Tinham esperanças que eu pudesse curá-la. Em vão. Mal cheguei percebi vultos escuros, almas turbulentas invocadas pelos feiticeiros para obsedá-la dia e noite. Perpassei com o olhar tudo a minha volta e já não reconheci ali o local de minha infância e sim a rinha onde haveria de vingar-lhe mais tarde. Logo adiante, a favorita de meu pai exaltava-se, chorava e arrancava os cabelos em sinal de falso desespero. Eu sabia, eu lia em sua alma e em seu coração a euforia ao qual era tomada. Seus filhos jovens, desprezíveis, fracos e de pouca iniciativa, amontoavam-se à volta sem qualquer atitude.
Firmei os olhos em meu pai e li, em seu rosto, um total vazio. Nem tristeza, nem remorso. Nada. Assistia aquilo tudo como se ela não tivesse feito parte de sua vida.
Fiz breves comentários da minha impossibilidade de curá-la. Trazia comigo o oráculo e consultei os deuses. Ela já estava sendo conduzida pelo Senhor dos Caminhos. Nada poderia ser feito.
Perfumei-lhe o modesto sarcófago e assisti ao fechamento de sua tumba, nos arredores, não muito longe de nossa casa. Quando desci o lugar íngreme já tinha escolhido as primeiras vítimas de minha vingança.
Com a falta de minha mãe, já na primeira refeição, vi que não era bem-vindo ali.
Meu pai, homem de personalidade forte e sem escrúpulos dominava a região e sua voz sempre era ouvida e respeitada por onde passasse. Suas terras produziam bem e tornava-se cada dia mais rico.

Tinha desconfiança da retidão de suas atividades, sua lisura política, porém nunca tive absoluta certeza.
Foi nesses tempos que o alto clero da Cidade do Sol reuniu-se com as potências de Tebas. Assim como Esparta foi poderosa e aguerrida na Grécia, Tebas era temida em todo o Egito. Os melhores soldados, os melhores generais sempre nasceram ali. Ufanavam-nos de nosso poderio militar, éramos exacerbadamente patriotas. Contanto, é claro, que não fôssemos jamais esquecidos pelo poder central. Tebas julgava-se o próprio coração do Egito. Fora dali tínhamos que exercer nosso domínio. Nossos filhos pertenciam às melhores linhagens e vínhamos das gerações mais antigas.
O clero do Sol, ao qual eu pertencia, viu nisso um grande achado. Geograficamente irmãs, as duas cidades começaram a conspirar. O clero sempre teve o poder e escolhia os futuros reis. Qual dinastia iria ascender ou cair, a partir de então.
E foi desse modo, nesses tempos, que se iniciou a junção dos dois cultos: Amon e Rá.
Amon era o deus-carneiro, um deus que sofreu o sincretismo vindo dos cultos estrangeiros líbios, africanos. Era o deus da reprodução, o multiplicador, senhor que traçava os destinos, eis porque era oculto. Amon era a materialização do raio de luz, do fogo celeste. Era o próprio obelisco. Sua coroa significava a própria terra e suas plumas eram os raios de luz incidindo sobre ela. Terra fertilizada. Todavia, Amon não é o mesmo que tinha o mesmo nome, um dos oito (*).

(*) Provavelmente se refere aos oito deuses, a Ogdóade, de Hermópolis (Achmunein). (a autora)

O clero de Tebas, então, resolveu procurar o clero da Cidade do Sol. E, juntos, apresentaram uma nova divindade: Amon-Rá. Amon encontrou na figura de Atum-Rá sua contraparte. E o deus reprodutor de Luxor abrangeu a Criação do Universo passando também a ser o fecundador da Natureza. Outro deus, Min, que vinha de cultos ancestrais, estabeleceu-se forte e tomou também sua forma.
Amon recebia o disco solar de Rá em sua coroa e seu culto iniciava-se tímido, entre o clero.
Tebas e a Cidade do Sol, a primeira forte na guerra e a segunda a mãe de todos os reis, conspiraram para reunificar o Egito como deveria de ser e expulsar, de uma vez por todas, a vergonha da presença dos estrangeiros que bebiam, rega-

lavam-se e invadiam nossas terras, humilhando aquele que nascera bebendo a água do Nilo.
Amon-Rá era um deus político, eis porque o povo nunca se apaixonou por sua figura. Para isso ele foi criado. Para que seus altares e templos fosse uma ameaça viva aos estrangeiros e guiasse o faraó em terras longínquas para reconquistar possessões que, um dia, foram do Egito.
Outrossim, sabia que o nome de meu pai e sua linhagem eram muito bem vistos pelos cleros das duas cidades. Por onde chegasse, caíam aos meus pés, dissolvendo-se em gentilezas. E isso era bom.
Era jovem e já conhecia o sabor do poder dos bem-nascidos.
Foi quando eu resolvi agir.
Procurei alianças, angariei simpatias a qualquer preço. Logo meu pai orgulhava-se de mim e começava a ver-me com bons olhos. Já participava dos rituais secretos do templo e era cortejado.
Juventude, beleza, inteligência e conhecimento são quatro dons que, geralmente, conduzem às profundezas. Tinha os quatro e também não tinha caráter algum. Sabia onde queria chegar e tudo era apenas uma questão de tempo. E, aliado a isso, uma grande mediunidade. Mal conduzida, mal aproveitada, pouco vigiada.
Mesmo longe de casa, passei a observar os passos de minha madrasta, por onde fosse. Seus filhos não haveriam de alcançar o lugar que eu ambicionava. De modo algum! Nem meus irmãos, filhos de minha mãe!
Apesar dos pesares, ela era honesta. Um grande entrave aos meus planos. Contudo, era muito jovem e tola. Tinha aquela alegria frívola dos que são ricos e a ingenuidade dos que não aprenderam a ser comedidos para obterem valor. Bebia muito, falava tolices e deslumbrava-se com tudo. Nos banquetes era vista encharcada em perfume, vomitando pelos jardins, amparada por servos. Todavia, era apaixonada pela figura de meu pai, mais do que o homem. Encantava-se com o fato de um nobre de sua importância tê-la desposado.
Passei a cultivar algumas plantas. Há uma planta, no Egito, cuja folha é extremamente venenosa. Ela é rajada e mal-cheirosa. Cresce em meio ao pântano de papiros e a escolhi cuidadosamente, dentre todas (*). Juntei objetos pessoais da mulher e fiz uma pequena imagem em madeira, envolvendo-a em um pequeno sarcófago. Não irei descrever a magia, entretanto conhecia muito bem seus efeitos. Enterrei a imagem na lama, na orla do Nilo, e fiz os sacrifícios necessários e as devidas invocações. Chamei os espíritos impuros que habitavam o lugar e passei a mentalizar diariamente, àquela hora, imaginando-a dissolver-se, como barro na água.
Não se passou muito tempo.

(*) Desconhecemos qual planta seria essa, citada aqui. (a autora)

Os excessos trouxeram os resultados. Minha madrasta caía muito doente, com fortes dores no abdômen. Hoje, posso afirmar, que ingerira água contaminada e que a doença encontrara um modo de penetrar no organismo daquela mulher, guiada pelo meu pensamento, pela magia, pelos espíritos.
Meu prazer foi enorme quando fui chamado, como o filho-sacerdote, a visitar a casa de meu pai e tentar encontrar um remédio para suas dores!
Foi incalculável meu prazer quando parei ao lado de seu leito, lembrando a frágil imagem de minha mãe a contorcer-se. Percebi a presença dos espíritos invocados e percebia seus tentáculos envolvendo-a, como raízes, sugando sua energia vital.
A infeliz, tomada de febres, quando encontrou meus olhos reconheceu, de pronto, seu algoz. Gritava, atirando tudo pela frente, implorando que eu saísse dali. Lamentei minha impotência, junto a meu pai, deixando a casa apenas alguns dias depois quando todos os incensos, todos os rituais nada puderam fazer para levantá-la. E os gritos das carpideiras para mim foram a mais suave das melodias quando voltei ao templo para servir ao meu deus.
Lembro quando me deitei frente à nave e o chamei por todos os epítetos e títulos de sua grandeza. O deus-Sol mostrava-se, para mim, o maior dos deuses e sua força era inigualável!
Sorvi, gota a gota, aquela vingança, inebriado pela felicidade.
Justiça havia sido feita!
Logo em seguida meu pai tentava encontrar uma mulher para mim, crendo talvez que eu quisesse abandonar o serviço do templo. Convenci-o, às duras custas, que não nascera para o casamento e minha vida seria servir meu deus até o final dos tempos. Era minha promessa, minha promessa íntima em busca do que eu tanto desejava.
Servir ao templo não era, necessariamente, um comprometimento por toda a vida. Muitos serviam, digo aqui o baixo clero, e saíam para a vida comum com o pensamento mudado em relação às coisas divinas. O clero, dessa forma, preservava-se e os novos lares ensinavam aos seus filhos a subserviência aos templos.
No Egito, a vida familiar era o bem mais precioso que alguém poderia desejar, tendo em segundo plano os bens materiais. Mais do que sentimentos, a vida em família significava o reconhecimento social, a maturidade e independência que todos desejavam para si. Todos tinham de casar, todos tinham de constituir uma família.
Eu, entretanto, possuía um desequilíbrio de alma que sepultava minha vida na mais tenebrosa escuridão. Desde a morte de minha mãe, nunca mais estimei

uma mulher como um ser iluminado, sublime. O ódio enfurnou-me em uma terrível amargura, fazendo com que eu desenvolvesse um desprezo feroz à fragilidade, à inocência, às frivolidades femininas. Era severo, e dentro de minha severidade enclausurei-me no aprofundamento cada vez maior nos estudos do trato mediúnico, da magia e, como paixão, o conhecimento das ervas em seus fins medicinais e religiosos. E também, obviamente, venenosos.
Na realidade, não percebia que eu já era vítima de obsessores que me cercaram, mais ainda, após meu desejo quase insano de matar minha madrasta, realimentado por uma vingança que me jogava cada vez mais fundo no poço de um vazio de alma que, se não fosse a busca do conhecimento, teria me levado à loucura.
Por outro lado, participava ativamente dos conluios que já maquinavam a morte do rei. A reunificação do Egito como estado, sob a égide de Amon-Rá era prioridade absoluta.
Matar-se um rei, ordenado pelos sacerdotes, sempre foi uma prática comum, a não ser que o rei fosse generoso aos nossos cofres ou nos permitisse agregar ainda mais terras e poder paralelo junto ao trono. O rei atual, entretanto, era totalmente inapto e criava, ao invés disso, mais antipatia em torno de sua figura.
Lembramos aqui que o Egito era um país conservador, e dentro de suas leis o rei era a figura máxima da virilidade e do poder fecundador da luz. Se um rei falhasse em deixar um herdeiro, ou tivesse pouco interesse nisso, não serviria para ser dotado da coroa máxima, cujo um dos símbolos era também o disco solar de Rá. E muitos, inebriados com o esplendor do poder e crendo ser a reencarnação de Hórus entre os homens, julgavam-se intocáveis e pouco generosos. Eram nesses tempos que nós decidíamos o que fazer.
Não foi a primeira, nem a última vez, que um governante foi considerado inadequado pelo povo, nesse orbe... e, simplesmente, eliminado!
Apenas os imprudentes esqueciam disso e esqueciam também que deveriam ser tementes ao poder dos deuses.
Enquanto o culto a Amon-Rá estruturava-se, eu era mais político do que verdadeiramente sacerdote.
Fui chamado ao lar de meu pai por uma boa notícia.
Minha irmã, anterior à caçula, haveria de contrair matrimônio com um jovem de excelente estirpe, oriundo da mesma região. E desejavam minha presença em nossa casa.
Hoje posso dizer que, depois de minha mãe, amei muito essa irmã como alma querida. Mas, naqueles tempos não pude perceber a estima que nutria por ela.
Vou chamá-la aqui de Neferet (*). De aspecto frágil, Neferet admirava-me e amava-me de todo o coração. Sabia-se lá porquê, já que nunca fui afeito a ar-

roubos de simpatias, ela queria-me bem e ficava fascinada com meu saber. Desde menina, lembro de Neferet cercando-me, procurando dividir seus brinquedos e suas histórias. Lembro, como se fosse ontem, de um pequeno animalzinho, um hipopótamo feito de madeira com rodas, que ela nunca se separava.
Quando cheguei em nossa casa para hospedar-me por poucos dias, sentei-me com ela, sob a sombra das acácias floridas, em torno da pequena piscina de lótus que tínhamos no fundo de nosso pátio. Mostrou-me o brinquedo, já gasto e de tintas desbotadas, rindo-se de que teria de abandoná-lo já que agora seria uma jovem esposa.
Não sei porquê, aquela atitude desnorteou-me por um momento. Senti engasgar, as lágrimas queimando meus olhos. Um mau pressentimento, uma dor aguda como uma punhalada, pareceu aprofundar-se em meu peito.
Aquele lar, desde eu abandonara, tornara-se refúgio de obsessores. Muitos de nossos servos diziam ver vultos escuros aqui e acolá e todos se sentiam apreensivos, inquietos ali dentro. Eu, que vinha de fora e acostumara-me a outros ares, percebia claramente isso. Os seus moradores, vitimados por esses, já nem percebiam mais.
Passei as mãos em sua peruca de cabelos sedosos e negros e brinquei com a flor que trazia nos cabelos. Disse-lhe que haveria de ser feliz e que teria muitos anos pela frente de prosperidade. Seus olhos cintilaram e abriu-me um belo sorriso, certa de que eu, como mago, adivinhara seu futuro.
Pediu-me que eu dissesse alguma coisa sobre sua vida que haveria de vir.
Atirei uma pedrinha nas águas da piscina e observei os círculos. Era capaz de praticar a adivinhação pelos mais diferentes métodos e um deles era esse, aprendido com um amigo que vinha das terras dos dois grandes rios.(2)

(*) Neferet quer dizer “Mulher Bonita” (a autora).
(2) Mesopotâmia (a autora)

O que vi, o que percebi foi o pior. Mas não fui capaz de dizer-lhe.
Omitir a verdade ou deixar de preparar um espírito, frente às mensagens deixadas pelo Alto é um dos crimes mais execráveis, fruto do orgulho de crer-se capaz de modificar os destinos individuais. Minimizar-se a dor de provações através de ofertas é possível e viável, mas lembremos que os caminhos são traçados por Deus antes da reencarnação e acompanhados, de perto, por nossos orientadores. Mas eu... ah, eu... era jovem, orgulhoso e julgava-me sábio! Confundi minhas virtudes em pensar, muitas vezes, que seria possível enganar a Deus. Ou que no julgamento, a pena de Maat pousaria leve apenas porque eu

era um sacerdote e tinha galgado o poder, nessa vida! Se eu tivesse discernimento, se eu tivesse sido capaz de abrandar minha alma! Quanto sofrimento poupado... quantas lágrimas...
Neferet, na festa das suas núpcias, era todo brilho e felicidade. Neferet, tão frágil, não tinha muitos atributos nem de beleza, nem de inteligência. E o jovem, que se sentava agora ao seu lado, tinha no rabo dos olhos uma expressão zombeteira, ora sarcástica. Enquanto as jovens dançarinas balançavam seus corpos já suados no ritmo animado da música, acompanhávamos com palmas, animando-as ainda mais. O forte perfume de lótus misturava-se ao vinho, ao mel e às carnes que eram distribuídas. Patos, gansos, carne de gado e de antílope passavam fartas pelas mesas. Os discos de metal dos sistros eram os mesmos que eram agitados para alegrar o deus em sua nave. O sistro era de Hátor e Hátor era a deusa da alegria!
Neferet era devota de Basht (*) e entregou-me, meio à festa, um colar de contas de turquesas, cornalina e ouro que recebera de presente de casamento de nosso pai para que eu o consagrasse. Presentear com jóias, naqueles tempos, em ocasiões tão especiais quanto o casamento, era prática comum de bons votos e bênçãos.
Sorri mansamente, guardando a jóia para consagrá-la em ocasião propícia. Em nenhum momento fui capaz de partilhar sua felicidade ou demonstrar isso, como gostaria. Meus dons políticos que me tornavam irresistível nas palavras e atitudes esvaíram-se naquele dia.
Não consegui tirar os olhos do rosto daquele jovem, certo, convicto, que faria a infelicidade de minha irmã.
O orgulho daquele jovem seria sua cruz por inúmeras reencarnações posteriores aos quais eu, na condição de espírito ou reencarnado, tive a infelicidade de presenciar.
A festa prolongou-se por dias, até que retornei ao templo, à presença de meus superiores trazendo, em minhas mãos, generosos presentes vindos de meu pai, despertando a simpatia de meus mestres ainda mais. Com exceção de Herihor.
Unanimidade nunca existiu e Herihor percebia o sinal da ambição em minha alma. Essa ambição perversa que nos faz cometer desatinos para encontrar nosso objetivo. Esse espírito, hoje, é meu orientador e muito, do que faço, reporto-me aos seus luminosos conselhos. Naqueles tempos, porém, não percebia sua enorme sabedoria, nem a grandeza de que era possuidor.
Herihor era, como disse, uma exceção em todo o sentido da palavra. Vinha de família humilde e soube, pelo conhecimento bruto e uma mediunidade assombrosa, adentrar o seleto grupo dos sacerdotes maiores. Manso, sereno, era uma voz que sempre vinha ao desencontro de nossas idéias, trazendo uma farpa de bom-senso. Apoiado em seu cajado, já alquebrado pela idade, seus olhos aqui-

linos acompanhavam-me com atenção. Poucas são as recordações que trago desse homem daqueles tempos. Algo que só tenho de lamentar e la-

(*) foi desse modo que ele pronunciou e insistiu ao dizer Bast (a autora)

mentar ainda mais não ter me aproximado dele que, com certeza, teria apontado um caminho de verdade em minha vida.
Não se passou muito tempo quando, em um desses dias, recebi uma mensagem de minha irmã que rogava minha visita. Atarefado, preocupado em abandonar minha posição, desculpei-me dizendo-lhe que a visitaria mais tarde, assim que eu encerrasse minhas tarefas.
Pensei tratar-se de tolices de jovem esposa, querendo conselhos de seu irmão mais velho. Coisas sem importância. Repito aqui que, a essas alturas, meu pai amimava-me como seu verdadeiro primogênito ao qual depositava toda a sua confiança. Como já disse, meus irmãos eram personalidades fracas e isso, graças a Deus, salvou-os de mim porque não teria pensado duas vezes em eliminá-los, se porventura eu julgasse o contrário!
Na Terra, o poder e a sucessão não são escolhas onde podemos ser generosos, nem amenos em nossas atitudes. Isso na Terra, pelas leis selvagens perpetuadas pelos homens. Essa, todavia, não é a lei de Deus... e que encontramos aqui regendo o Universo, já como espíritos!
E uma das leis de Deus ensina que tudo o que for jogado à frente, voltará com força redobrada a quem os enviou. A magia do bem, a magia do mal. Tudo. Nós, sacerdotes, sabíamos disso. Mas... éramos homens...
Já cansado dos apelos de minha irmã, rumei, contrariado à sua nova casa para ouvir-lhe.
Ao chegar, presenciei um quadro surpreendente, lastimável.
Em sua casa, como era costume em praticamente todas as boas casas do Egito, havia um grande jardim e a presença de água era fundamental para refrescar o calor abrasivo de nossos dias, bem como a sombra de árvores e arbustos floridos. Sentei-me com ela e, saboreando um bom vinho de Tebas, ouvi-lhe suas palavras, mescladas em lágrimas.
Seu jovem esposo encontrara na companhia de um de nossos irmãos um excelente companheiro para suas dissipações. Nosso irmão sempre fora um irresponsável e agora encontrara um grande aliado para dividirem seu inumerável tempo livre.
Antes de encerrar o trabalho desse dia, vou ainda ditar mais uma observação.
Reencarnar é recordar, simplesmente. Reencarnar salta às vistas de qualquer pessoa que seja minimamente observadora. Em nossas inumeráveis vidas, no-

to que há uma tendência muito forte em fazermos as mesmas coisas, prosseguir nossos estudos ou até nossos erros como se tivéssemos apenas interrompido nossos atos por um momento. A vocação religiosa repetiu-se em muitas de minhas vidas e, apenas por razões de absoluta necessidade, tive de escolher outras vocações. Assim como vi também meus companheiros de jornada viverem, aprenderem e repetirem seus erros em suas vidas. Para qualquer pessoa é possível saber-se, com precisão, o que fomos, o que fizemos e onde erramos. Basta perguntar quais são nossas vocações, nossas aptidões inatas. Essas serão as diretrizes, os trabalhos que desenvolvemos em vidas anteriores. Trazemos vícios, erros, cacoetes de alma? Com certeza, qualquer *leitmotiv* será razão para pô-las para fora como água a transbordar de nossos íntimos. Descrer do processo da reencarnação, dessa forma, é simplesmente não desenvolver o senso crítico em observarmos nossos erros ou não entender nossas facilidades que, em algumas pessoas, é assustadoramente flagrante! Como, muitas vezes me pergunto, o ser humano, nesses tempos de tanto esclarecimento, ainda não acordou para isso?

Minha irmã contava-me de que, em certa ocasião, meu irmão e meu cunhado teriam chegado despidos, totalmente fora de si, dizendo que haviam sido roubados em uma história, no mínimo, absurda. Perguntando-se aqui e acolá soubemos que haviam visitado certa senhora e que, como pagamento aos seus favores, deixaram suas vestes finas, jóias e até suas sandálias, apenas porque a dita senhora cansara de dar-lhes crédito sem receber, coisa alguma, de suas promessas!

Ouvi um ramalhete de outras histórias lamentáveis, algumas posteriormente relatadas por meu pai. Como aquele ao qual herdaria seu posto, pedi-lhe que entregasse todos os bens de nosso irmão ao administrador de nossas terras, homem honesto e decente, para que gerisse e a partir daquele momento só entregasse pequena parcela para seus gastos. O mesmo não poderia fazer com meu cunhado, mas a herança de minha irmã iria posteriormente para as minhas mãos, para que eu também tivesse o cuidado de entregar-lhe seus bens ao devido tempo e com o devido cuidado. Protestos à parte, pela influência de nosso pai e o poder que eu já tinha foi possível fazer-se esse acordo, ao qual a família de meu cunhado concordou, aliviada.

Eu não percebia, envolvido comigo mesmo, que o processo de retorno apenas havia iniciado. E que havia, ao contribuir para a morte de minha madrasta, despertado poderoso inimigo ao qual haveria de perseguir nossa família por muitas outras vidas!

Esse espírito, ceifado na flor da juventude de uma ventura ao qual julgava-se merecedora, jamais perdoou minha ignorância e creditou-se ao direito de vingar-se e fazer justiça com suas próprias mãos, cercando-se de espíritos igual-

mente rudes e simpáticos na pseudodiversão do sofrimento alheio! Considerando-se isso, posso afirmar o quão vazia é a vingança e o sabor inerte que deixa após nossas ações, deixando-nos o desejo de mais e mais atitudes querendo preencher um verdadeiro tonel de Danaide, que não tem fundo! Assim fui eu, assim minha madrasta. Assim todos os que desejam vingança.
Dessa vida também trago uma triste recordação. Um desses lampejos de memória. Lembro minha irmã, estirada sobre um leito, sob a sombra de seu jardim, chorando. Sem alento.
Minada pelas doenças trazidas pelo marido, já definhava. Pouco poderia fazer naqueles tempos e o bálsamo das ervas apenas aliviava seu sofrimento. Seu choro convulsivo era intercalado por palavras de vingança e de revolta contra as forças celestiais e perguntava-me, debaixo de dores e febre, onde estava meu deus que, sendo eu seu fiel sacerdote, esquecia dos infelizes aqui embaixo!
Algum tempo depois, à semelhança de minha mãe, perdi minha irmã. E foi impossível deixar de encontrar correlação entre essas duas infelizes mulheres e percebi, de pronto, os caminhos traçados pelos espíritos dos pântanos, os espíritos das doenças aos quais um dia havia invocado e que não encontrando rumo de volta, ficaram em meu lar prosseguindo a ceifar vidas, através do cruel caminho da obsessão.
E senti-me sem forças, incapaz - mesmo tendo o poder da magia que manipulava - de enviá-los de volta, ao lugar de onde teriam vindo! O punhal da dor voltava-se novamente para mim e nunca mais seria o mesmo a partir de então!
Em mais um dia de trabalho, na tarefa de transmitir ao médium minhas recordações, agradeço a Deus a oportunidade. Ao transmitir minhas impressões e sofrimentos pela vida sem sentido que tive naqueles tempos, é uma oportunidade valiosa de resgate e de auxílio a todos aqueles que esquecem dos verdadeiros valores, como eu um dia fiz.
Muitos crêem que o mundo lhes pertence e tudo é permitido pelo fato de serem filhos de Deus. Isso não é verdade. A sabedoria do Oriente, ao qual eu pertenço, ensina que até as vidas microscópicas têm valor e que apenas Nosso Pai pode alterar-lhes o caminho. E que a magia, que nada mais é do que o domínio, o conhecimento das leis físicas e espirituais, foi criada para auxiliar o Homem em sua trajetória. E não para impedi-la...
Porém, naqueles tempos eu não pensava assim.
Era jovem, saudável, era um escriba. Saber escrever e ter o conhecimento que tinha, não há equiparação no mundo de hoje. Ser um escriba era como ter galgado as melhores universidades do mundo enquanto todo o resto da população não conhecesse sequer a escrita. Era um distanciamento enorme, bárbaro, ao qual não percebíamos o sofrimento daquela gente. E isso, não preciso dizer,

cria mentes monstruosas quando aliada ao excesso de orgulho. E eu, além de muito sábio naqueles tempos, era um nobre cheio de presunções. E isso foi minha ruína.
Desesperado pelo conhecimento, aprendia mais e mais. E junto disso uma mediunidade extraordinária que, secundada pelos obsessores que me cercavam, ajudaram a construir minha queda, inspirando-me através de sonhos e visões. Em vez de perceber que estava ruindo, pensava justamente o contrário. Acreditava que os deuses sorriam para mim, avisavam-me e davam-me os poderes para manipular vidas.
Partilhando a mesma ambição de meu pai, já pensava que o templo não seria para meu destino para sempre. Estava sendo preparado para assumir, na ocasião de sua morte, suas posses e terras.
Por ordem expressa de meus superiores, tenho por obrigação não descrever certos fatos de minha vida. Quem fui, quem deixei de ser, porque isso não importa. Fato é que atingi o poder que eu, meus amigos sacerdotes e meu pai planejavam. Fui escolhido e cumpri meus deveres. Eis porque muitos relatos ficarão sem resposta. É para ser assim.
Não venho para trazer dúvidas. O que desejo é que os irmãos leiam e compreendam, através de meu triste exemplo, o que não devemos fazer conosco mesmos.
Foi assim que eu passei a usar de todo o meu conhecimento para tolher e acabar com meus inimigos. E é impressionante, quando estamos secundados por espíritos imperfeitos, como eles surgem. Vieram muitos e muitos derrubei, invocando e associando-me com espíritos perversos. Meu nome, até hoje é conhecido na espiritualidade como um grande mago negro. Eis porque me envergonho, mino-me de tristeza quando me chamam por ele...
Matei pela magia, matei por minhas próprias mãos. Os fins que justificam os meios, que tão bem Maquiavel soube perpetuar em sua obra, eram muitos bem conhecidos por nós. E, como a justiça só pendia sobre os mais pobres ou fracos, gente como eu sempre esteve impune a qualquer tipo de lei.
O que posso dizer é que não estava sozinho. Os sacerdotes estavam comigo e eu com eles. Tínhamos um objetivo que, sob a bandeira pátria, escondia abutres sedentos por carnificina, pelo prazer e riqueza.
Começamos a esmagar um por um, que imaginasse tirar o destino de Tebas de ser um grande centro religioso e político. E, como sempre, toda força tem um opositor. E esses opositores encontravam-se no Baixo Egito. Mais de uma cidade unia-se, reivindicando seus direitos. Mas o clero de Rá sempre foi o mais poderoso do Egito, desde o tempo das pirâmides. E Tebas orgulhava-se de seus príncipes.

Nunca abandonei de todo o serviço religioso, entretanto a morte de meu pai foi algo inevitável. Tive de retornar ao lar e assumir o controle, a administração de nossas terras já que nossa família era formada de homens pusilânimes, preocupados em dissipar o que havia sido juntado por gerações.
Assumi a administração e logo fiz as terras prosperarem. Até o dia que recebi uma notícia que me trouxe inquietude e amargura.
Um homem egípcio tinha de casar e eu, pelo serviço religioso, avançara na idade. Os casamentos ocorriam muito cedo e os poemas de amor daqueles tempos não traduzem a severidade dessas uniões. Por conselho de meus superiores, indicaram-me uma jovem, de nossa região, filha de excelente família e muitas posses.
Revoltei-me e lamentei ter de casar. Não queria, não tinha vocação para o matrimônio. Amava o serviço do templo, o estudo, a dedicação. Não conhecia outra coisa na vida e irritava-me a presença feminina. Os assuntos sem conteúdo, a vida doméstica arrastando-se em tardes sufocantes de calor.
Mal eu conseguia compreender que o plano espiritual jamais adormece. Enquanto mergulhava cada vez mais nas trevas, enviaram-me um desses faróis, um desses espíritos iluminados que sempre vêm em auxílio dos pequenos, quando o rolo compressor do poder atira-se sobre as massas.
Quando a vi, secundado pelos espíritos que me cercavam, tomei-me de desprezo e nojo. Na verdade, falta de sintonia entre um espírito de luz e um espírito na escuridão. Ela era frágil, delicada, dona de olhos mansos e sorriso doce de menina. Uma criança, resmunguei comigo mesmo. Mas assim como a desprezei desde o primeiro minuto, aquele anjo pareceu gostar de mim.
Na festa de nosso casamento, como era costume, os casais ficavam juntos e os solteiros em grupos de homens e mulheres à parte. Ela tagarelava o tempo inteiro tentando despertar a minha atenção, coisa que eu não concedia. Estava tomado de tristeza e revolta. E ali mesmo já planejava como me livrar daquele peso o quanto antes.
Tratei-a, a partir de então, com o desprezo de um homem que não ama pode vir a tratar uma mulher. Lembro de minha crueldade e como ela chorava a cada estupidez. Em vez de fazê-la cair, como era o desejo dos meus obsessores, ela ficava ainda mais forte e firme. Após cada acesso, ela retornava e tornava-se ainda melhor, mais dedicada, mais fiel e mais piedosa.
Sim, piedosa. Eu tinha uma mão de ferro. Tínhamos escravos, servos e subordinados e a todos tratava com rigor e nunca titubeei em aplicar os piores castigos sobre a pele daqueles infelizes. Aplicava a lei, aplicava as obrigações sem pensar que eram seres humanos. Os únicos dias auspiciosos para mim são quando podia ir para a Cidade do Sol, oferendar ao meu deus e conversar com meus superiores. Minha fidelidade ao clero era absoluta e enviava recursos

com fartura ao templo. Eis porque era bem visto e tinha, sobre mim, a bênção daqueles homens.
Mas quando voltava ao lar e dava-me frente a ela, mudava de humor, de bons modos e paciência.
Até o dia que, como agradeci, ela disse-me estar grávida. Interpretou-me mal quando me viu no altar doméstico a fazer uma grande mesa de ofertas e libações. Não agradecia apenas minha herança, mas agradecia aos deuses poder cumprir minhas obrigações e, finalmente, poder ficar longe dela!
Irritava-me o fato de, quando saía para alguma averiguação, ela visitava e confortava nossos empregados. Como ela não sabia criar a devida distância entre servos e escravos, tratando-os como iguais.
Passamos a discutir severamente e mais e mais me distanciava dela.
Quando a criança nasceu, agradeci a intervenção divina por ter me trazido um filho perfeito, cheio de saúde. Consagrei-o e levei-o ao templo para que, quando tivesse mais idade, também servisse ali.
Foi quando, em uma dessas discussões, disse certas coisas que foram a gota d'água. E, ainda por cima, ela mencionou o nome de minha mãe. A única pessoa no mundo que sempre mereceu minha total veneração. Repudiei-a, amaldiçoei seus dias e todos os pedidos de perdão foram inúteis. Enviei-a para uma propriedade longínqua, com todo o conforto, já que não queria provocar sua família. Lamentei ficar longe de meu filho, mas o simples fato de não ouvir sua voz era o ápice da felicidade!
Sentei-me nos jardins e sorvi o ar fresco do final da tarde sentindo-me, finalmente, livre. Nunca lamentei o que fiz e todas as suas missivas não eram lidas, salvo algum pedido que sempre procurei dar atendimento, de imediato. Acompanhei cada passo de meu filho e dei-lhe o amor que podia. Era a única coisa boa que havia acontecido, desde a morte de meu pai.
Envelhecia sereno, cheio de uma paz que eu não deveria ter se ouvisse minha consciência.
Quanto a ela, morreu antes de mim. Sempre a pedir um perdão ao qual eu não podia lhe dar.
Aquela alma santificada sempre se culpou pelo que havia acontecido. Como se ela fosse a verdadeira culpada...
Não morri de morte natural. Como disse, angariei muitos inimigos e os simpatizantes de outrora já me achavam velho e excessivamente cruel. E mago do passado, com enormes débitos espirituais, vi-me vítima da mesma magia que, como um polvo famélico, encontrou resguardo em meu organismo já debilitado e profundamente compromissado nos planos maiores.
Uma sonolência profunda sobreveio, logo após meu desencarne, ao qual eu não conseguia compreender o quê estaria acontecendo.

Vi-me chumbado ao corpo físico ao qual, desesperadamente, lutava para me libertar. Não entendia que estava morto e que o cadáver, ali, pertencia-me. Estava dentro de meu túmulo e os odores acres, desprendidos daquela múmia, sufocavam-me. Escuridão e silêncio.
Gritava enlouquecido, já me crendo enterrado vivo. Vasculhava meus pertences e os alimentos que ali encontrei não eram capazes de saciar-me. Não se passou muito tempo quando vi alguns raios de luz, o que me fez correr em sua direção, crente que algum benfeitor descobrira a trama ao qual eu havia sido vítima.
Em vez de amigos, vi ladrões. Mal havia sido enterrado e ladrões encontraram a porta do meu túmulo. Roubaram minhas jóias, enrolaram-se em meus tecidos finos, sentaram em meus móveis.
Abriram o sarcófago que eu acreditava ser de outra pessoa. Não podia ser eu, pensava. Eu estava vivo! Vi ali um corpo que cuspiram em seu rosto e chamaram pelo meu nome. Logo em seguida, com as ferramentas que traziam, cortaram o cadáver em vários pedaços e jogaram para fora na esperança que algum animal devorasse ou o tempo consumisse.
À medida que compreendi o quê havia acontecido e que meu corpo havia sido destruído, fiquei do lado de fora os vendo sair, rindo-se muito e maldizendo meu nome.
Sentei e chorei, em desatino. O que estava acontecendo comigo? E as promessas de bem-aventurança? O julgamento? Toda a teologia ao qual eu sabia de cor e não encontrava em meus caminhos?
Se estava morto, porque sentia-me vivo e desamparado ali?
Mal pensei nisso, ao erguer meus olhos, encontrei-me com meus antigos desafetos desencarnados. E meus velhos obsessores.
O que passei nas mãos desses algozes é inenarrável. Foi tanto tempo que, se medido pelo tempo atual da terra, equivaleria há mais de uma centena de anos. Pedia-lhes perdão e acreditava-me nas mãos de demônios. Até o dia que fui resgatado por espíritos benfeitores e, humildemente, recebi a visita daquela que havia sido minha esposa, bafejada pela luz e bem-aventurança de seu excelso coração. E junto dela Herihor, ao qual tanto desprezara. E vi as palavras ditas no Evangelho de Cristo, muito mais tarde, comprovarem-se, desfiando às minhas vistas: os últimos serão os primeiros. Muito, muito mais tarde, pude compreeender seu significado maior!
E eu, consumido de dor e remorso, aceitei o reencarne em várias vidas de provações, com o fim de moldar meus instintos em sentimentos nobres, mais dignos. Mesmo no Egito ainda nasci e fui contemporâneo do Grande Rei (*). Ouvi falar de suas mudanças, ouvi falar de seus defeitos. E voltando ora como homem, ora como mulher, aprendi o verdadeiro significado do amor ao qual

minha antiga esposa, como espírito grande e generoso, veio algumas vezes ao meu lado com o único fim de auxiliar-me em minha redenção, na prática mais sublime do que a caridade pode fazer...
Agradeço pelo dia de hoje, agradeço pela dor de citar cada palavra tendo o coração cortado por lembranças tão antigas, mas que ao serem recordadas voltam vivas, sulcando em levas minha alma do mais sincero arrependimento!
Hoje, muitas vezes em meus raríssimos instantes de repouso, onde posso meditar sozinho, costumo ir para as margens daquele rio tão amado e fico observando, ao longe as ruínas do templo. Ainda escuto as melodias sagradas, ditas em nossa língua tão áspera, sinto o perfume do incenso. O brilho das barcas dos deuses, folheadas a ouro, desfilando adornadas de longas tapeçarias ao vento, o brilho dos archotes que queimavam, dia e noite, no grande festival. Ao longe, o templo iluminava-se e suas pedras pareciam banhadas de dourado ao entardecer.
Fico ali na margem, com o coração apertado. Pensando no quanto desperdicei de minha vida, nos crimes que cometi. No que não tive coragem de contar aqui pela imensa, gigantesca vergonha.
Expiações sobrevieram, uma a uma e em todas elas sempre roguei para vir na pobreza. Já havia caído pelo orgulho, pela ilusão do poder e não queria mais cair em suas armadilhas. Não que a riqueza seja uma maldição, mas talvez seja a prova mais difícil. E eu me conhecia. E sabia que, naqueles tempos, ainda não tinha maturidade para usar bem esse recurso que poderia vir a ser uma bênção ou, de contraparte, uma maldição.
Durante essas vidas não convivi com todos os meus antigos parentes e afetos daquele tempo. Vim sozinho, salvo a sombra benfeitora daquela que tinha sido minha esposa que me acenava aqui e acolá, auxiliando-me no caminho.
Voltei a encontrá-los apenas quando reencarnei na Itália, na roupagem de modesto membro da Ordem de São Francisco. Nasci em uma casa muito pobre nos arredores de Salerno, onde não dava para se ver o mar. Lembro de, pequeno, fugir de casa e ir para o porto assistir a chegada e a saída de mercadorias, naquele sonho de menino de tornar-se marinheiro. Ouvia histórias e fascinava-me a África. Onde havia animais fabulosos e poderia voltar-se rico. E agora, as Terras Novas (2).
Era um menino que mal tinha o quê comer e vestia-me de trapos, correndo sem calçados pelas ruas estreitas, de pedras escurecidas. Brincava com os outros meninos e, mesmo em nossa pobreza, era feliz. Tudo porque a esposa do passado havia reencarnado como minha mãe.
Meu pai era um desses marinheiros que um dia chegam e um dia já foram. Minha mãe não falava dele e vivia envolvida em seus trabalhos domésticos. Fazia de tudo um pouco. Vendia pães, remendava roupas, limpava domicílios.

Com seu trabalho, recebia algumas moedas da pequena igreja. E logo caí nas simpatias do padre pelo meu jeito moleque e esperto. Fui alfabetizado por aquele bom homem que me queria bem como um filho do seu coração

(*) Entendi aqui que se trata de Akhenáton. (A autora)
(2) Como ele chama a América (a autora)

e inventava trabalhos para eu levar algumas poucas moedas à minha mãe.
Mas o que me apaixonou foi a Botânica. O estudo das plantas e ervas medicinais. Quando entrei na Ordem e fui ordenado frade, lembro de entrar em nossa casa e do rosto estupefato de minha mãe, cujos olhos grandes e negros apenas soube brilhar de leve, naquela lágrima que nunca caiu, vendo-me em trajes de "santo".
Cheguei a escrever alguns trabalhos e dediquei-me, como sacerdote, ao auxílio direto dos infelizes. O hábito, a disciplina e o estudo eram-me familiares e apenas recordava, naquele fluir que acontece nas reencarnações quando buscamos nossas verdadeiras vocações, nada mais do que recordar aquilo que um dia fizemos melhor.
Viajava pela Itália e sempre era bem recebido. Encontrava meus irmãos e refugiava-me em seus mosteiros. A simplicidade da Ordem era o que mais me fascinava, atento em seguir os passos luminosos do seu fundador e o exemplo maior de Cristo.
Meu nome, naqueles tempos, era Angelo. Minha mãe pusera esse nome, certa que viria ali um anjo. Coisas de mãe. Contudo, o nome pareceu-me uma obrigação de merecê-lo. E, nessa vida, procurei, ao máximo, uma senda de evolução.
Essa vida, mais do que as outras, marcou-me sobremaneira desde minhas paragens no Antigo Egito. Foi a primeira vez que deixei de sofrer horrivelmente, tomando um bafejar de luz antes de minha libertação. E foi nessa vida que reencontrei uma alma muito querida do passado.
A pequena igreja de Salerno situava-se em uma ladeira, banhada pela luz do sol. Não era propriamente uma igreja, no sentido do termo, mas pequena capela onde dedicávamos nosso tempo. Em um desses dias em visitação, percebi uma jovem sentada, nos fundos, absorta em prece.
Almas, quando são afins, encontram-se... atraem-se de forma natural. Aproximei-me dela, sabe-se Deus porquê.
A jovem chorava, agarrada ao terço, escondida sob um véu. Era notório seu sofrimento silencioso, cheio de medo, dentro daquele ambiente.
Era quatro horas da tarde e o sol, lembro bem, banhava a parede lateral, entrando pela capela até a metade.

Sentei-me ao seu lado e, com certeza inspirado pelos meus mentores, dirigi-lhe a palavra tentando trazer-lhe um alento.
Pegou minha mão esquerda e a banhou em lágrimas, já não escondendo mais a dor pungente.
Mal sabia eu que aquela jovem era Neferet, minha irmã, reencarnada em lamentável situação!
Neferet, agora Mariana, era uma dessas criaturas infelizes que encontraram, na prostituição, seu modo de vida. Órfã de pai e mãe muito cedo, sem o amparo de sua família, cresceu pelas ruas encontrando no porto de Salerno motivo de paragem. Residia em cubículo infecto e já apresentava sinais da doença que a vitimou muito cedo.
Contou-me que seu sonho sempre fora aprender a ler e escrever e, com muito custo aprendera a rabiscar seu nome. Vivia debaixo do pulso de um homem que a explorava e apanhava muito, quando não tinha ganhado algum valor considerável pelo seu trabalho.
Ao perpassar meus olhos pelos seus andrajos, vi que sequer calçado tinha. Imaginei como sofria e o que poderia fazer para ajudá-la.
Minha mãe apavorou-se quando me viu chegar com aquela jovem, que ela julgou uma mendicante. Mesmo assim, também sentiu a mesma simpatia que eu havia sentido e ofereceu-lhe um canto para morar. E mesmo debaixo de toda aquela simplicidade, Mariana encontrou um prato de caldo quente, um banho novo e roupas que minha mãe, mesmo não tendo muitas, dividiu.
A partir dali, Mariana passou a dedicar-se a auxiliar minha mãe e aprender, às duras penas, as tarefas domésticas.
Certo é que também tive de intervir, mais de uma vez, quando seu antigo explorador exigiu que retornasse com ele, achando que uma casa onde havia apenas duas mulheres pudesse ser foco de escândalo e vergonha.
Passados esses primeiros tempos difíceis, minha mãe conseguiu mudar o temperamento de Mariana. Menina revoltada, suas palavras oscilavam do baixo calão, aprendido nos piores lugares possíveis, às palavras de gentileza, toscamente balbuciadas. Não gostava muito das tarefas, mas as fazia debaixo de resmungos. Muitas vezes, ao visitá-las com meu confrades, encontrava-a com a vassoura, em frente a nossa casa, varrendo em todas as direções.
Eu, por minha vez, ria quando escutava os queixumes de minha mãe. E mesmo ainda promíscua, Mariana esforçava-se por encontrar paz em sua turbulência.
Por outro lado, meu amor pelo continente negro nunca arrefeceu. Nenhum dia. Estudava muito e desejava, ardentemente, pisar no continente africano e ter sua flora em minhas mãos. Em tempos de tão pouca informação, mais a fanta-

sia existia nos relatos do que propriamente a verdade. Isso pouco importava, porém.
Salerno era naqueles tempos uma cidade muito, muito pobre. Mesmo com seu porto. Intermediávamos o que podíamos, em levar alimentos aos famintos. Verdadeiramente mendigávamos para levar, mais adiante, o mínimo.
Vale, aqui, fazermos um adendo: muitos, ao lerem minha história, tivessem desejado ouvir mais coisas do Antigo Egito. O Egito encanta, seduz almas que um dia pertenceram àquela região, através do reencarne. Contudo, como já expliquei, meus orientadores não desejam que comentemos alguns fatos, alguns detalhes de minha vida. Bem como o que fiz nessa encarnação, cria-me uma barreira, uma dificuldade enorme em relembrar aqueles tempos.
Conto minha passagem em Salerno como franciscano, já que nela meus melhores sentimentos foram despertos, para uma realidade bem além de nossas vistas. Na Igreja, na simplicidade dos mosteiros, encontrávamos paz e uma oportunidade valiosa de praticarmos o Evangelho de Cristo. Espíritos, afinizados pelos mesmos ideais, rumavam para as diversas ordens em busca de trabalho fraterno e estudo sério. Não foi uma, nem duas vezes, tive oportunidade de ouvir e aprender em sermões luminosos, ditos por irmãos visitantes. Aprendíamos e praticávamos a caridade.
A Ordem de São Francisco, destaco aqui, era uma prática diária, uma lapidação diária de nossas almas. Não havia nojo, nem preconceito. Não perguntávamos quem era, nem de onde vinha. Ajudávamos. Não foi uma, nem duas vezes, limpei doentes, levávamos um prato de sopa quente, confortávamos com verdadeira fraternidade. Na pequena cidade, na pequena província de Salerno, onde todos nos conhecíamos, podíamos estender nossas mãos em todas as direções unicamente para ajudar, sem perguntas. Posso atestar que, nessa vida, muitas de minhas algemas do passado deixaram de existir. Nessa encarnação, mais do que as outras, comecei a sentir-me um verdadeiro ser humano!
Nenhum de meus confrades ou superiores importavam-se de ter abrigado Mariana na casa de minha mãe. Mesmo porque nunca saíamos sozinhos e tive o privilégio de não ter me afastado do contato materno por longo tempo, por misericórdia.
Ao mesmo tempo ao saber que minha mãe não se encontrava bem de saúde, soube que Mariana havia abandonado nossa casa levada por um homem, durante a noite. Simplesmente arrumara suas coisas e desaparecera, sem deixar nenhuma palavra.
Ainda procurei saber notícias, mas ninguém informava alguma coisa. Orei muito por sua alma e roguei a Deus que estivesse feliz, por onde passasse.
Foi uma época que as doenças pulmonares grassavam, quase como epidemia, em Salerno e minha mãe contraiu a doença, vindo a falecer naquele ano. Tive

a felicidade de acompanhar-lhe os últimos momentos de vida na terra, tendo também a paz de vê-la partir em serenidade.
Além dos trabalhos em auxílio à comunidade pobre, dedicava-me ao canteiro de nosso mosteiro onde plantava de tudo, conseguindo sementes e mudas através de amigos no porto.
Mesmo com a morte de minha mãe, sentia-me feliz. Morrera já velha, mulher que tivera sempre saúde e uma força de vontade enorme em lutar pela vida, mesmo que em condições absurdamente miseráveis. Coloquei-me à disposição para servir em qualquer mosteiro, se desejassem, mas nunca fizeram isso. Deixaram-me ficar ali e ali trabalhei por toda a minha vida.
A única coisa que me atormentava era saber o destino de Mariana. Havia me afeiçoado pela pobrezinha como a uma irmã e condoia-me com sua revolta. Partira, sem deixar o destino, e nunca mais enviara notícias.
Muito mais tarde soube, através de conversas, que Mariana apaixonara-se perdidamente por um homem de boa conversa e partira com ele. Mas como é o destino, assim são os corações. Na realidade, Mariana acabara voltando à prostituição, único caminho que conhecia, sendo explorada agora por um novo protetor.
Já na espiritualidade, reencontrei-a em regiões sombrias e muito lutei para o seu desligamento. Encontrava-se sob pesada simbiose com seus obsessores e não conseguia discernir o que era realidade e o mundo que criara para si.
O espírito, daquela que havia sido minha madrasta, perseguia-nos por milênios sem dar-nos descanso. E Neferet, ou Mariana, invigilante, caiu novamente em suas armadilhas.
A maioria dos irmãos encarnados não consegue compreender um processo obsessivo que perdura por milênios, como se mil, dois mil anos fossem muito tempo. Os irmãos também não compreendem que o processo evolutivo, na grande maioria, dá voltas e voltas e não sai do mesmo lugar. Ficamos presos por nossos pensamentos, nossos desejos por um tempo incalculável tendo a mesma dificuldade que encontraria um indivíduo que, sendo proibido, não pudesse mais consumir um gole de água. A sede retorna, os pensamentos e desejos retornam, e caímos de novo na mesma teia que criamos anteriormente. Somos vítimas de nós mesmos, repetindo e repetindo os mesmos erros...
Eis porque libertação é quando, finalmente despertamos e dizemos “basta” em nossos caminhos. Foi o que aconteceu comigo em Salerno. Esse “basta” não é da boca para fora, é aquele grito saído do fundo da alma que, sob todas as provações e privações possíveis não nos permitimos mais cometer desatinos. Eis porque Deus, em sua excelsa misericórdia, nos concede o livre-arbítrio em nossas expiações, para que, em algum momento de nossa eterna existência, possamos despertar sozinhos e, finalmente, amadurecer.

Assim como um adolescente amadurece como homem em seu devido tempo, assim é nossa alma. Eis porque mil, dois mil anos não é nada. Passa em um instante, tanto quanto é breve uma vida de aproximadamente oitenta anos, quando estamos encarnados. Assim como veio, foi.
Eis porque para o Criador do Universo, ou mesmo para nós que somos almas imortais, o que é mil anos?
Por isso, muitas vezes, vejo a tentativa de desobsessão, em vários segmentos religiosos, como um trabalho que deveria ser conduzido de outra forma. Muitas vezes encontramos obsessores, e não os subestimemos, engalfinhados por milênios com suas vítimas e o sacerdote, em palavras de ordem, pensa estar certo que conseguirá a libertação naquele instante. Calma. Esses processos vêm de longa data e muitas vezes prosseguirão por milênios ainda, até que a vítima mude a faixa de sintonia ou, então, o obsessor. Como disse, é um processo de libertacão que tem a mesma dificuldade, para quem nos ouve, de deixar de beber água quando se tem um organismo físico. É muito difícil, é muito doloroso e exige muito, muito tempo!
Insisto, dessa feita, que o objetivo seria a aplicação contínua, insistente do Evangelho e doutrinação tanto para quem é vítima, quanto obsessor. Mudança de hábitos, mudança de vida, mudança de trabalho, mudança de viver. Mudança!
Alterar-se o modo de atuação nesses casos? Sim e não. O processo está certo, mas os sacerdotes deveriam ter muito, muito mais cuidado na aplicação desses métodos, usando de mais humildade em perceber que seu comando não é infalível.
Pertencendo às levas de espíritos já empenhados no auxílio, encontramos uma irmãzinha, recém-desencarnada e dona de uma ferocidade tamanha, fruto de seu desencarne violento. Era a entidade que hoje se chama Esmeralda e que trabalha ao meu lado, fiel e confiante, empenhada nos mesmos objetivos.
Foi quando nossos superiores reuniram-nos, convocando-nos a um novo reencarne. Isso já era o final do século XVIII na Terra. E roguei que pudesse, através de uma pesada provação, experimentar a luz. Pedi que pudesse resgatar meus execráveis débitos trazidos desde a roupagem no Antigo Egito e que conseguisse, finalmente, ver-me livre dos muitos crimes, qual custo fosse!
Para tanto, seria necessário rever antigos desafetos.
Acompanhei de perto os planejamentos e, com muito sofrimento e esperança, aceitei as condições que viriam.
Reencarnei no Brasil, em uma cidadezinha no interior de Minas Gerais. Nasci no meio da terra, no meio das palhas, miúdo pela desnutrição de minha genitora, preto, retinto e sem nenhum atrativo. Nasci escravo em uma pequena pro-

priedade rural já decadente, de antigos criadores de gado e plantadores de milho.
Eu, que já havia sido nobre no Egito, sacerdote e botânico na velha Europa, vinha analfabeto, adoentado e escravo, passando fome e toda a sorte de privações desde tive conhecimento em ser gente.
Era uma propriedade verdejante, encravada em morros, à semelhança de minha saudosa Salerno. Assim como era linda, tinha um casarão colonial que já trazia sinais de abandono, caiado e com uma luxuosa cobertura de telhas de barro. À direita, de quem entra, ficava um grande poço e, aos fundos, tinha uma rampa que levava às estrebarias, feitas de alvenaria, coisa que na época era raro de se encontrar. Aos fundos ficava um enorme pomar, cujas frutas eram vendidas, e um pouco mais além a plantação e criação. Lá estava a senzala, bem longe dos olhos dos senhores.
Recordo de minha mãe, vestido amarrado à cintura, em grandes tachos de cobre fazendo doces, com as outras escravas que não tinham o privilégio de servir a casa. Lembro também, com perfeição, os olhos de ódio do feitor que nunca gostou de mim. Uns diziam que eu seria filho dele, mas eu não acreditava. Era muito escuro e ele era meio índio. Éramos diferentes.
O feitor era um homem ignorante, brutal e vivia às noites embriagado, aos gritos, entrando no buraco onde dormíamos e levando uma negrinha um dia, ou outra. Desde que me lembro, com tanta fartura à volta, morríamos de fome com os estômagos colados às costas. O feitor dizia que negro gordo era negro preguiçoso e a fome deixava todos espertos. Isso era verdade. Muitos de nós não dormíamos pela dor em nossas barrigas e não foi uma, nem duas vezes, que roubávamos alguma coisa e dividíamos entre si, famélicos.
Nossa senzala era redonda, tinha bastante espaço, feita de paredes de barro e teto de capim. O chão era de terra batida e todos dormíamos juntos, improvisando camas com capim seco e esteiras, como animais. Nossa intimidade era partilhada por todos e essa promiscuidade era vista pelos pequenos como natural, salvo por mim que nunca achei aquilo correto, nem me sentia bem.
Comíamos em gamelas de madeira e não conhecíamos outra opção, além disso.
Brincadeiras de criança? Mal consegui segurar alguma coisa fui posto para descascar milho enquanto os adultos suavam sobre os pilões. Os instrumentos de tortura, feitos em madeira de lei e brilhantes, encerados pelo suor e sangue dos infelizes que haviam caído neles, ficavam junto de nós, dentro da senzala para nos lembrar que não pensássemos em fugir, roubar ou desobedecer.
Aprendi muito cedo o que era grama e o que era erva que poderia ser comida.
Em compensação, tínhamos um escravo velho que, dizem, conhecia ervas e tinha muita sabedoria. Esse tinha vindo da África, não nascera aqui. De vez

em quando jogava com o que tinha pela mão, adivinhando o futuro, o que fazia com que nós, pequenos, fôssemos à volta para ver, boquiabertos. Em um desses dias, pôs uns grãos e ossos em minha mão e sacudiu-a. Disse-me, abra. E eu abri. Sorriu e disse à minha mãe que me ensinaria algumas coisas que, mais tarde, seriam úteis.

Eu, criança cheia de curiosidade e afeita, pelas vidas passadas ao estudo e disciplina, aceitei de bom grado e, sempre que podia, estava ao seu lado observando com atenção o que fazia, escutando as histórias de antigos reis da África que me contava.

Pela misericórdia de Deus, todos reencarnamos juntos para superarmos nossas deficiências e aprendermos juntos velhas lições postas de lado.

Como contei a princípio, o feitor nunca gostou de mim. Mesmo dissessem que talvez eu fosse seu filho, nunca acreditei e acho que ele também não. Olhava-me de esguelha e dava-me os piores trabalhos, desde pequeno. Lembro de seu vulto, com um grande chapéu de abas largas, um colete velho, uma camisa feita de tecido rústico e calças largas. Nunca usara calçados e o que mais lembro é sua presença constante, alerta, em todos os nossos trabalhos dirigindo um ou outro escravo que lhe servia, batendo o rebenque na perna.

Muitas vezes me perguntei, porque eu nascera escravo! Porque Deus não havia trocado meu lugar, fazendo-me nascer na casa grande ao qual eu nunca pudera ultrapassar seus umbrais. Porque, pelo único fato de ter nascido com outra cor de pele era maltratado, passava fome e nunca aprendera a ler, minha maior ambição. O que fazia uns nascerem ricos, outros pobres. Uns felizes, outros desamparados como eu. Nem batizado havia sido. Não era ninguém e todos lembravam, o tempo todo, disso.

Mesmo nos confins da fazenda, ouvia-se muitas coisas. Diziam que Sinhô Fernando era homem bom, mas fraco. Diziam que sua mulher havia morrido, mas todos sabiam que não era verdade. Ela havia abandonado o lar pelo espírito de aventura, juntando-se com um desses jagunços que andavam de lugar em lugar, sem pouso. Largara a boa vida, a vida familiar pelas estradas do mundo. Um escândalo. Eis porque Sinhô Fernando vivia dentro de casa, acabrunhado, esquecido de suas responsabilidades e com vergonha de ir à cidade.

Tiveram cinco filhos e esses cindo haviam tomado seu rumo. Um tornara-se advogado e foi morar no Rio de Janeiro. Outro casara e foi administrar as terras da esposa. O terceiro havia se tornado funcionário público e também foi para o Rio de Janeiro. O quarto morava ainda em casa, juntamente com Sinhá Juliana.

Poucas vezes havia visto Sinhá Juliana fora de casa. Depois que sua mulher havia “morrido”, Sinhô Fernando jogou todas as responsabilidades do abandono sobre a filha, como se essa fosse culpada pela desgraça. Naqueles tem-

pos, a mulher tinha pouquíssimas ou praticamente nenhuma oportunidade, além de obedecer, e desde menina não teve amigos, prisioneira daquela casa que não trazia boa impressão a ninguém. Todos nós comentávamos que a casa grande estava rodeada de espíritos ruins mas, naqueles tempos, não passávamos de escravos, negros e animais. Não pensávamos, apenas tínhamos de trabalhar.

E, nesse clima depressivo, minado de obsessão, Sinhô Fernando passava a maior parte do tempo esperando, quem sabe, que sua mulher um dia voltasse. E esquecera de suas terras, suas posses, de nós.

Eis porque, mesmo tendo tanta fartura, passávamos fome. Éramos como aquelas galinhas esquecidas no fundo do quintal e que sobrevivíamos a maior parte do tempo, como pudéssemos. Desde pequeno lembro como as negras velhas batiam em nossos dedos quando tínhamos a distração de pôr uma semente de alguma fruta comida, fora. Ensinavam que deveríamos plantar toda semente em torno da senzala o que acabava garantindo, com o passar do tempo, nossa sobrevivência.

Eram raros os dias que ganhávamos alguma coisa, como um saco de milho ou farinha para fazermos nossas comidas. Quando isso acontecia era dia de festa pela colheita, bem como quando recebíamos tecidos de sacas para que as escravas fizessem roupas para nós.

Ninguém lembrava que nós existíamos, salvo o feitor. De vez em quando um ou outro era acorrentado no poste que ficava próximo a senzala, em área aberta e moia-nos de pancada por qualquer razão ou sem razão alguma. Muitas vezes apanhei, mas a gente acaba acostumando. Chega uma hora que a alma ou vira fortaleza ou se esvai, na senda da loucura. Preferi a indiferença. Era melhor assim.

A indiferença foi o veio que fez o negro escravo sobreviver. Tínhamos de ignorar os maus-tratos, a violência contra nossas mulheres e crianças, a fome, as surras, as palavras que, o tempo todo, nos lembravam de nossa infeliz condição.

Porém, também tínhamos algo que o branco não tinha. Fé. Não aquela fé que se via na capela da casa grande, quando o padre da localidade ia fazer alguma missa em memória de algum antepassado dos senhores. Era aquela fé que fazíamos enxergar vida em uma folha, vida no movimento da água, no andar de uma formiga, no nascer ou morrer do Sol. Aquela fé que nos lembrava que tínhamos reis-santos, nossos ancestrais, que em nossa pátria governava as forças materiais desse mundo. Isso fazia com que nós nunca esquecêssemos que não estávamos sozinhos, que mesmo calados havia alguém que lutava por nós no soluçar de nossas mulheres, na dor muda do chicote em nossas costas. E quando cantávamos nossas brincadeiras de roda, ficávamos de cabelos eriça-

dos diante do toque do tambor, quando levantávamos terra de nossos pés. A terra pulsava, ela estava viva e nela havia o sangue de nossos ancestrais que jamais esqueceriam de nós, seus filhos infelizes que haviam sido jogados em uma terra estranha e tratados piores que animais, por gente mais estranha ainda.

Eu ainda, por infelicidade do destino, havia nascido escravo, negro e feio. Ah, sim. Era muito feio. E a negra que eu amava nunca me quis, preferindo esquentar a cama do feitor. Mesmo assim, encontrei o amor de uma escrava tão triste e infeliz quanto eu. Entretanto, mesmo diante de tanta miséria, éramos felizes. E nós dois, por termos nascidos feios nos salvamos dos abusos daqueles que nos tinham como propriedade.

Certa vez disse ao meu médium que Deus assemelha-se a uma gata que teve, há pouco tempo gatinhos. Uns nascem brancos, outros amarelos, malhados, pretos. E mesmo assim ela ama igualmente a todos, sem nenhuma distinção. Porque o ser humano, nessa xenofobia que já deveria ter sido extirpada de sua índole, fomenta ainda tal injustiça?

Naqueles tempos, lembro, todos os filhos de Deus que traziam, por milênios e milênios em reencarnações, o vício do orgulho e da prepotência nasceram na condição de escravo. Eu, por sua vez, não escapei dessa sina, sedimentada com minha reencarnação no Egito como homem poderoso. Como digo, poder todos temos um dia, nesse caudal de reencarnações que Deus, em sua misericórdia, nos concede. Mas o que fazemos dele... aí será a consequência. Já houve, nesse plano, escravos brancos e de todas as cores, conforme a evolução material e violência dos povos. Não é a cor da pele que será uma expiação ao reencarnante! Será o contexto. Se alguém nasce negro, na África, ele é igual a todos e será tratado como todos. Todavia, se nasce em um país escravagista onde, naquele momento da história o negro é escravo, aí será uma expiação!

Assim como eu era dócil, já moldado pelas provações de vidas pregressas, encontrei irmãos extremamente revoltados e fomentadores da violência. Via-se perfeitamente neles o regresso em condições humilhantes que eles, almas ainda presas às regras do orgulho, não aceitavam de modo algum. Vi irmãos auxiliando o feitor nas torturas, vi irmãos delatando seus colegas com fins de conseguir algum privilégio. A miséria produz situações desumanas e não pode haver um sinal de crítica em nossas palavras. Muitos, diante de tal quadro, fariam igual ou pior, acreditem. Eis porque me agarrei, com unhas e dentes à fé. Só a fé concederia um tronco de madeira para que eu me agarrasse, frente àquela enxurrada. Foi o que eu fiz.

Sendo sacerdote em vidas anteriores, tive facilidade em aprender tudo o que me passava o negro velho que adivinhava o futuro e conhecia profundamente as plantas. Tudo me ensinou e aprendi a benzer. Modelei, com minhas pró-

prias mãos, uma imagem tosca de Nossa Senhora e fiz um pequeno altar improvisado em um canto da senzala. Ali acendia um toco de vela, quando conseguia algum, punha flores. Ao mesmo tempo oferendava, aos meus ancestrais, parte do que comíamos. Sabia que eles enviariam os espíritos da Natureza para nos proteger e, em breve, vi que minhas preces eram atendidas e que meus ancestrais aceitavam, de bom grado, parte do que oferecia.

Minha docilidade fez com que eu fosse chamado a cuidar dos jardins da casa grande, já que estava afeiçoado às plantas, conhecimento latente que eu trazia de minha reencarnação anterior como frade franciscano. Passei a cuidar das roseiras, podar e trazer mudas para enfeitar aquela casa que exalava tanta tristeza, tanta doença. Foi a primeira vez que vi Sinhazinha Juliana. Era moça de longos cabelos escuros, ondulados, que amarrava sempre com diversas tranças. Seu vestido azul claro, quase branco, e seu olhar perdido na soleira da varanda. Senti um arrepio gelado e vi vultos escuros passando pelas janelas abertas, que traziam sol para dentro da casa. Fiz o sinal da cruz e prossegui escavacando a terra, de cabeça baixa. Não podia fixar-lhe o rosto, sob pena de ser punido a chicote.

Por incrível que parecesse, só sentia paz quando voltava à senzala. Um alívio, uma leveza no ar. Aquela casa dava uma opressão no peito, uma sensação de sufoco, de dor. Percebia-se, perfeitamente, que ali era um reduto de espíritos perturbados.

O pai de Sinhô Fernando havia sido um proprietário muito cruel. Assim como ganhara muito dinheiro, vendeu quase tudo e pôs a família quase na miséria, voltado às mulheres e ao jogo. Nunca explicaram, mas dentro daquelas cocheiras, que mais pareciam um porão na casa, um negro havia sido morto, alguns anos antes de eu nascer ali. Contava-se, sob a luz da fogueira central de nossa senzala, que havia sido assassinado lentamente, sangrado muito lentamente, porque havia se apaixonado pela escrava da preferência do antigo proprietário. Os negros mais velhos contavam também que, desde aí, as coisas pioraram na pequena fazenda e nunca mais ninguém foi feliz ali dentro. Quando a mulher de Sinhô Fernando havia ido embora, todos disseram que era castigo do negro assassinado e que ninguém ali haveria de ser feliz. Ninguém.

Mesmo que sentisse que havia mais histórias a saber, todos nós estávamos juntos, reunidos sobre aquelas terras. A reencarnação expiatória encontrara em nós, almas revoltas, um modo de nos reunir e ensinar suas preciosas lições. Eu, antigo proprietário e escravocrata, ligado ainda às teias da magia negativa de meu passado, ali estava para reeducar meus sentimentos. E quis Deus e meus espíritos benfeitores que exercitasse minha índole...

Com a escrava que aceitara ser minha mulher tivemos seis filhos e mais dois, que não vingaram. Pelo menos uma coisa boa: não venderam meus negrinhos e pude, pela felicidade que Deus me concedeu, ensinar-lhes alguma coisa e princípios do que era certo e errado. Vi meus filhos crescendo naquela penúria, mas antes assim do que vê-los em situação muito pior, como sabíamos que acontecia.

Não sei porquê, gostei de Sinhazinha e ela gostava de mim. Puxava conversa e muitas vezes tive o prazer de sua companhia quando escolhia quais rosas haveria de enfeitar a mesa na hora do almoço. Vivia junto de uma negrinha chamada Flores, cujo apelido era Nan-jí, porque era muito espevitada. Todavia, Sinhazinha Juliana não tinha preconceito conosco e nos via, nos tratava como gente amiga ali dentro, mesmo com as devidas distâncias. Sabíamos, conversa vinda da casa grande, ela era muito assustadiça, dormia mal e cheias de manias para alimentar-se. Todos sabíamos que era muito infeliz e, apesar de seu esforço, tinha uma saúde frágil.

Falava muito de assombrações e dizia ver coisas assustadoras. Trazia um rosário bento no pescoço e sofria terrivelmente de males que não sabia explicar a médico ou padre.

Em um desses dias que já estava recolhendo minhas coisas para ir para a senzala, vi a varanda da casa grande iluminada e um visitante, de botas negras e lustrosas, sentado nela tomando um refresco, falando alto, cheio de empáfia. Espichei a vista e vi tratar-se de um rapaz muito bem vestido, de bom semblante.

Poucos dias depois, soubemos que um rapaz de boa família chamado João Malaquias havia se interessado por Sinhá Juliana na missa na cidade e foi pedida para fazer-lhe a corte, a partir de então.

Ficamos felizes e todos rogamos a Deus que Sinhazinha fosse feliz, finalmente, depois da sina que sua mãe deixara ali, entre todos. Outrossim, Sinhô Fernando apresentava cada vez mais distanciamento ficando, os dias inteiros, sentado à janela dos fundos olhando em direção à lavoura, ao pomar.

A partir daí, tenho de recompor forças para relatar o que aconteceu comigo. Rogo ao Senhor conseguir relembrar aqueles instantes.

Com o distanciamento de Sinhô Fernando, mais e mais ficávamos à mercê do feitor e mais famintos. Era época que tinha pouca fruta e já não conseguíamos nos alimentar com os restos da lavoura, nem do refugo da casa grande. Meus negrinhos choravam de fome à noite e nosso desespero era imenso, já que não conseguíamos roubar um tacho de leite, debaixo da vigilância do feitor e de seus ajudantes.

Um desses dias, sentindo tontura por ter trabalhado o dia inteiro sem pôr nada à boca, fui com dois companheiros à porta dos fundos da casa grande, onde

fumegava a cozinha. Lá batemos, humildes à porta e perguntamos se havia cascas, alguma verdura estragada ou a fortuna de algumas vísceras que, naqueles tempos, gente branca não comia.
As próprias negras, que riam alto enquanto cozinhavam, enxotaram-nos dali sem oferecer-nos nada.
Revoltei-me de tal modo que fiquei fora de mim. Não ia voltar de mãos abanando, já noite, e dizer aos meus filhos que não tinha nada para oferecer.
Apontei o galinheiro e a lavoura aos meus companheiros e convidei-os a roubarem três galinhas e umas espigas de milho para levarem conosco. Na verdade para alimentar quase vinte escravos, mais as crianças, que se amontoavam na senzala.
Convencidos, pegamos os animais, juntamos um saco de espigas e levamos para a senzala.
Quando entrei, na luz mortiça da fogueira e nossos irmãos viram o que trazíamos, houve uma felicidade geral e fomos saudados como anjos que traziam uma bênção dos céus. Imediatamente as negras pegaram as galinhas, torcendo-lhes o pescoço... passando a depenar as aves, cantarolando. Minha mulher olhou-me no fundo dos olhos, com aquele olhar que apenas uma mulher que vive conosco muitos anos tem e balançou de leve a cabeça.
Senti um nó na garganta e encolhi-me a um canto. Um nó na garganta que parecia queimar, mas eu fingi nada saber. O que eram três galinhas, um saco de espigas para quem tinha tanto?
Sem dar muitas explicações, recolhemos com cuidado as penas e as enterramos no fundo da senzala.
Não precisou muito.
No outro dia de manhã, o guardador sentiu falta dos animais e delatou ao feitor e ao patrão.
A fúria de Nhô Fernando não conheceu limites. Vítima de seus obsessores que minavam sua vontade e pensamento o dia inteiro, enlouqueceu com a idéia de que havia sido roubado por alguém. Não adiantou histórias de bichos que roubam ovos e galinhas à noite. Agarraram um de meus companheiros, tiraram-lhe as roupas e arrancaram sua pele de pancada, usando um chicote de couro seco e salgado. Quem havia feito, quem havia sido.
Sabia que a idéia era minha e que não haveria perdão. Negro ainda jovem, de pernas finas e ágeis, embrenhei-me no mato que circundava a plantação e sumi. Meu coração saltava à garganta e meu pensamento havia fugido. Era lua cheia e a picada, no meio da mata, me levaria a algum lugar seguro.
Não sentia as plantas espinhosas cortarem meus pés, lanharem minhas pernas. Corria, coração na garganta, pensamento vazio, em pânico. Corria. Invocava todas as forças celestiais e meus antepassados, corria. Chorava. O que haveria

de ser de minha mulher, meus filhos? Achei, carcomido pela sede, uma poça de água ao pé de uma árvore e umas frutinhas de mato. Encostei-me a um tronco para descansar, sem forças. Vinha de um longo período de privações e sentia-me fraco. O que haveria de ser?
Enfurnei-me, ainda mais, subindo o morro, de mata fechada. Lá fiquei, por alguns dias, onde tinha uma vertente de água límpida e conseguia alguma coisa para comer. Para onde iria?
Ouvira histórias de onças e apavorava-me, aterrorizado, de ser vítima de alguma cobra, de algum animal selvagem. Consegui uma pequena furna de pedras onde dormia, abraçado a um pedaço de pau para me proteger. Não conseguia dormir direito, certo que ouvira algum barulho. Até o dia que eu não agüentando mais, dormi profundamente.
Quinze dias que eu sumira.
Nhô Fernando, tomado pelos espíritos perversos que o incitavam, mandou chamar um caçador de negros da região e que sabia, como ninguém, pegar o rastro de algum fugitivo. Ele, que era tão regrado em gastar, achou por bem despender uma quantia considerável para ir atrás de um negro franzino, de pouca valia, apenas "para dar uma lição" a todos.
Quinze dias. Quinze dias e o caçador de negros pegou o meu rastro e saiu reto, em minha direção. Ao seu lado, o feitor.
Quando chegaram, de mansinho, eu estava dormindo na furna pesadamente, exausto e faminto. Acocoraram-se e me puxaram, como fariam a um animal escondido em sua toca, pelos cabelos, já debaixo de pancadaria.
E, no chão, os dois só pararam de me bater quando eu, já encolhido, recoberto de ferimentos, já não tinha mais forças para implorar perdão e seus braços haviam cansado de moer-me.
Soluçando, fui jogado contra um tronco seco no solo e pegaram minha mão esquerda, apertando-a contra a madeira.
O feitor, homem brutal, enlouquecido de ódio por ter perdido um de seus negros, por ter ouvido o xingamento do seu patrão, pegou uma pedra e começou a bater sobre minha mão, dizendo: "Eis, negro maldito, ladrão infeliz! Nunca mais tu vais roubar nada! Vou te aleijar, criatura dos infernos! Essa mão que roubou as galinhas, agora não vai mais servir para nada!"
Quando acabaram, eu que já não conseguia mais gritar, eu que sujara as roupas pelo medo e pela dor, olhei em direção ao meu braço. E vi uma massa de sangue no lugar onde havia sido a minha mão!
Dei um soluço de dor e uivei o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, o que me valeu ainda mais socos no rosto e na boca, quebrando-me alguns dentes.
Por fim, amordaçaram-me e, no pé do morro, jogaram-me no lombo de um cavalo, já que não tinha condições de caminhar.

Sem receber qualquer tipo de curativo ou higiene, fui levado por dias até que enxerguei a porteira da casa, sinal que os oito dias de trilha haviam chegado ao fim. Por um golpe, daquilo que os descrentes chamam sorte e nós, homens de fé, chamamos de Providência, não sofri infecção e minha mão, mesmo extremamente dolorida recuperava-se, tendo os movimentos inutilizados e sentindo-a cada vez mais curvada para trás.

Para completarem o quadro de humilhação inesquecível para todos, fui levado até a frente da casa grande, no estado em que me encontrava, para sofrer as palavras que me dirigiu Sinhô Fernando. Das negras e serviçais da casa grande, apenas vi desdém e desprezo pelo grande "mal" que havia cometido. Dos meus irmãos de senzala, olhares compridos de que nada poderiam fazer por mim, salvo minha mulher que me amparou, levou-me aos fundos, jogando muitos baldes de água. Passou-me também um trapo com sabão no corpo cheio de cortes, escoriações e feridas. Por fim, dividiu um pouco do caldo que todos bebiam em silêncio e eu pude, como um cachorro ferido, enrosquilhar-me a um canto e tentar dormir, crivado de dores como se dormisse sobre uma cama de pregos.

Se era calado, a partir daí calei-me mais ainda. Mudo, cabisbaixo e triste. Os ossos quebrados de minha mão não voltaram para o lugar e algum tendão foi ferido, tendo agora os dedos retorcidos para trás. Mesmo assim, poucos seriam capazes de cuidar tão bem dos jardins da casa grande e me puseram a trabalhar ali de novo.

Confesso que, em nenhum momento, amaldiçoei minha sina ou lancei um brado aos Céus, em revolta. Em minha humildade como escravo, aceitei aquilo como punição justa pelo meu roubo e não procurei mais pensar nisso. Esse conformismo, para muitos, é sinal de fraqueza, mas quem está dentro de uma situação como essa sabe que é o único modo de sobreviver. Diante da imagem de minha Nossa Senhora, rezava todos os dias e pareceu que, depois, fiquei mais eficaz para as benzeduras e soube melhor como usar os recursos de que dispunha para ajudar meus irmãos.

Muitos dirão: quem nasceu escravo naquela época era o escravocrata do passado e merecia passar por aquelas provações. Outros ainda que, quanto mais se sofre, mais rápido se ascende à luz. Essas idéias distorcidas da realidade produz e produziu centenas de milhares de irmãos afeitos ao prazer do sofrimento, como se isso pudesse ser fonte de resgate. Passar por provas e expiações são resgates da alma, mas ter prazer com isso e nada fazer para minimizar seu sofrimento e de seus irmãos em Cristo é uma vala gigantesca de triste ignorância. Se fosse o contrário não haveria as colônias espirituais onde há locais de pronto atendimento, não haveria os amigos samaritanos (*), nem haveria razão de existir irmãos socorristas nas mais diversas funções, na espiri-

tualidade. Enfim, qualquer trabalho de auxílio não teria razão de existir! Isso nós sabemos e ensinamos que Deus não tem a felicidade em ver um de seus filhos sofrer! Muito pelo contrário! Deus nos deu a inteligência para que, com isso, possamos manipular recursos para que aprendamos nossas lições, mas com o menor desgaste possível. Isso é o mínimo que Ele espera de nós!

Tal idéia trazemos da mãe-África e aplicamos, com seriedade. Usamos o método: conformar-se com alegria. Conformar-se, lutando pacificamente para mudar as coisas. Era esse o espírito que fazia o negro apanhar de chicote durante o dia e cantar, em suas rodas, à noite. Saber driblar o sofrimento que não pode ser mudado, saber viver sob quadros terrivelmente dolorosos, sem revolta e crises de ódio. Fomentar diariamente a esperança. Foi isso que nos fez tão fortes. Foi isso que jamais foi capaz de dobrar a nossa fé!

É claro que alguns não aceitaram isso, crendo que a situação que vivíamos era um quadro de sofrimento a ser mudado de imediato. Rebelaram-se, fundaram quilombos, lutaram. De qualquer modo, nunca esquecemos nossas origens, quem éramos, de onde vínhamos. A cantiga de ninar que atravessava o Oceano era capaz de nos embalar a noite, sonhando com uma terra onde ser negro era ser livre e feliz.

Foi isso o que nos fez viver!

Quando voltei à senzala, nenhum de meus irmãos em sofrimento lançou uma palavra de desabono. Olharam-me com doçura e abriram seus braços onde, com aquela solidariedade e carinho, fui capaz de recuperar-me, rapidamente, das feridas da matéria e do espírito. Muitas noites chorei baixinho, pelos cantos, a dor dos ossos de minha mão e da cena pavorosa ao qual havia sido vítima. Os olhos do feitor eram duas víboras pavorosas que me perseguiam em sonhos. Resmungava, em minhas preces, que eram os espíritos que rondavam aquela casa quem fazia aquelas pessoas agirem assim. De um certo modo, estava certo...

Passou-se algum tempo e o comentário corrente era que Sinhazinha Juliana haveria de noivar com João Malaquias. Quando soube, um nó no peito pareceu rosquear-se dentro de mim. Aquela sensação que deixa a boca amarga e um arrepio gelado pelo corpo. Aquilo não estava certo. Nossa pobre Sinhazinha não haveria de ser feliz com aquele moço de roupas engomadas e bigode bem desenhado.

Logo depois a pequena capela da propriedade era enfeitada, recebemos sacas novas, branquinhas, para confeccionarmos roupas. Pude, do lado de fora junto com os outros escravos, olhar de longe nossa Sinhá casando com aquele moço que, de ora em diante, haveria de morar e administrar aquelas terras, já que Sinhô Fernando não tinha deixado filhos homens e estava muito cansado da lida.

A capelinha tinha sido caiada, as portas pintadas de azul escuro. Como Sinhô Fernando não tinha mais tantas posses, foi um casamento simples, com poucos convidados. Mataram dois novilhos e regalamo-nos com as sobras. Foi um das poucas vezes que tivemos comida farta, que durou uma semana. Quando voltávamos à noite para a senzala, certos que teríamos algo a forrar o estômago, eu não tinha sossego.

Na verdade, ali estava de novo minha querida Neferet, Mariana na Itália. Por absoluta coincidência, nessas três encarnações ela viera mulher e eu homem, repetindo praticamente o mesmo quadro. João Malaquias era o meu irmão, no Egito. O mesmo que saía, com meu antigo cunhado a beber e gastar, ferindo tão profundamente aquela que eu devia ter protegido... e não fiz! E cuja responsabilidade fui cobrado severamente pelas entidades que orientavam meu reencarne!

Algum tempo se passou, dentro de nossas rotinas.

Nossa Sinhá tinha o rosto brilhante de felicidade. Como toda jovem, piorado quando inexperiente, apaixonara-se perdidamente pelo marido que tinha qualidades notáveis. João Malaquias era, por natureza, um bom administrador e conhecia a lida do gado. Fecharam os animais, passaram a produzir mais alimentação para eles. Em breve estavam gordos e próprios para a venda, angariando um bom preço. Dentro de suas limitações, a pequena propriedade já dava sinais de prosperidade.

Mas logo notamos algo acontecendo na casa grande.

À noite, alegando isso ou aquilo, João Malaquias já saía e muitas vezes voltava pela manhã. E logo o rosto de Sinhazinha mudava, aparecendo as primeiras nuvens escuras. Ela passava os dias bordando na varanda, os primeiros sinais de um nervosismo crescente surgiam em seu temperamento. Sabia-se que brigavam muito e ela, excessivamente religiosa, negligenciava o prazer da vida e do casamento recente. Afeita às idéias de pecado e Inferno, sofria o retorno de uma educação mal dirigida onde fez muita a falta da presença da mãe, amiga e conselheira.

Eu aprendia mais e mais a lida religiosa. Não era sacerdote porque não tínhamos um lugar para dirigir, nem regras. Todavia preservávamos a nossa cultura ancestral sem esquecer que, cada um de nós, era um registro vivo que deveria ser cultivado. Tinha perfeita consciência de minha importância e da importância de repassar meus conhecimentos a quem merecesse. Em resumo, quem tinha boa índole. Não ensinava a quem mostrava interesse de prejudicar esse ou aquele para atender caprichos. Eu mesmo aprimorava-me na benzedura e na capacidade de premonição, utilizando-me do que tinha à mão como instrumento. E, sem percebermos, à medida que perdíamos a referência africana pura aproximávamos da liturgia católica e aprendíamos alguma coisa com algum

mestiço indígena que gostava de tratar o gado. Essa foi a primeira semente daquilo que muito mais tarde chamou-se Umbanda.
Minha capacidade de benzer e curar já eram comentados por muita gente. E muitas vezes Sinhô Fernando permitiu que esse ou aquele de fora me procurasse em busca de socorro. O negrinho de "mão seca", já com os primeiros fios grisalhos, auxiliava o homem branco, revertendo o maremoto cármico que já vinha em direção ao Brasil.
Passou-se um pouco mais de ano quando soubemos que Sinhazinha Juliana estava grávida. Foi uma notícia alvissareira e não houve peão ou escravo que não ficasse cheio de felicidade.
Vítima de obsessores violentos e trazendo consigo um carma pesado referente à prostituição, Sinhazinha Juliana mostrou os primeiros sinais de dificuldade.
Foi a primeira vez que entrei na casa grande.
Iluminada, imaculadamente branca por dentro, fiquei extasiado ao ver a beleza dos móveis de madeira de lei, os quadros, as cortinas de rendado que só via do lado de fora. A casa grande, como nunca, pareceu-me bafejada de magia... salvo o ar denso, como se oxigênio faltasse, indício que ali era um ambiente crivado de espíritos imperfeitos. Era assim que eu sentia, era assim que minha mediunidade mostrava o que encontraria pela frente.
Entrei no quarto de sinhazinha e a vi sobre o leito muito branco, de lençóis engomados. Estava de resguardo pois dera sinais de princípio de aborto espontâneo.
Sentei-me ao seu lado, macerando algumas ervas em uma bacia esmaltada. Olhos baixos, não ousava levantar e encarar aquele rosto que venerava como um bom anjo ali dentro.
Preparei algumas fitas, acendi algumas velas na pequena capelinha que havia sido posta ali dentro. Peguei alguns galhos de arruda, de espada de são Jorge, um cigarrinho de tabaco envolvido em casca de milho seco, abundante ali. Pedi licença e passei a rezar, passando aquelas ervas maceradas em seu ventre, pousando as fitas e fazendo diversos nós, como aprendera com o velho escravo. Sentia as minhas mãos formigarem pelo desprendimento de energia e assoprava a fumaça do cigarro, como vira um peão índio fazer. Terminei minhas preces e roguei a Nossa Senhora e Nosso Senhor Jesus Cristo que protegesse a mãe e o filho.
Naquele instante, ouvindo mediunicamente o comando de meus superiores, repassei-lhe instruções e a certeza de que aquela criança vingaria, já que espíritos da Natureza haviam respondido ao meu chamado e repassado auxílio direto às energias enfraquecidas da mãe. Garanti-lhe que espíritos superiores, aos quais chamava de anjos, haveriam de ficar ao seu lado até o fim daquela gestação.

Nada pedi, recolhendo meus pertences. Mas quando ganhei uma galinha gorda para fazer, não preciso dizer o quanto fiquei feliz. Peguei o animal, agradecendo do fundo de meu coração.
Levei para a senzala e aquela galinha foi preparada. Todos comeram um pouco. Senti-me importante, agradecido a Deus como poucas vezes havia sentido. Porque quando o estômago dói todos os dias, a cabeça de qualquer pessoa deixa de raciocinar com presteza. E naquele dia senti-me bafejado pela luz celeste!
Como havia prometido, Sinhá Juliana levantou-se no final da semana, já muito melhor. E via, deslumbrado, seu ventre crescer todos os dias. E quando me abanava e chamava pelo nome, sentia-me gente.
Nasceu um menino que chamaram de João Fernando. Foi um parto tranqüilo e ali nascia um menino que gritou forte, nos primeiros instantes de vida. Se isso acontecesse, acreditávamos, a criança haveria de ter saúde e determinação na vida.
Fato é que Sinhozinho João Malaquias e sua mulher sempre creditaram o nascimento do filho a mim. Naturalmente, eu havia sido apenas o instrumento. Mas à medida que acreditavam em minha mediunidade, davam-me respeito. E ninguém ali com bom juízo poderia desconsiderar isso.
Não era uma, nem duas vezes que eu era chamado à casa grande para benzer o garoto. As doenças de criança, as tosses, a dor de barriga. Com minhas ervas, com meus chás e benzeduras ajudava os senhores dali que, queiramos ou não admitir, eram nossos algozes. E junto deles, muitos pediam para falar com o "negrinho da mão seca". Amigos e conhecidos da família, sempre que os visitavam, procuravam-me. Ouviam meus conselhos, recebiam minhas preces e minhas simpatias, conhecimento esse que provinha da medicina popular que, por ser fruto de muitos, acaba sendo sábia.
Desde então, deixamos de passar tantas privações. Traziam uma galinha, um saco de milho, uma partida de queijo, ovos. Bens esses que, para nós, eram tesouros. Repassava tudo aos meus irmãos e passamos a viver melhor.
Mas o plano espiritual não dorme, especialmente os filhos do sofrimento.
Esses espíritos, acostumados a obsedar o grupo ali existente, passou a incomodar-se com a presença quase constante dos espíritos que eu invocava através das preces e dos trabalhos que tinham de ser feitos, meio ao mato. Passaram a ver aquilo como ameaça a sua tranqüilidade, arquitetando como haveriam de acabar com aquilo.
A vítima óbvia, em primeiro lugar, era Sinhô Fernando.
Homem depressivo, acabou vingativo e violento com a educação masculina daqueles tempos. Passou a dizer que eu era algum tipo de feiticeiro e que trabalhava com "coisas ruins". Passou a implicar com a presença constante de

amigos que vinham visitar-me e prendia-os em conversas na casa grande para que não tivessem tempo de procurar-me. Não passou muito tempo e vi, cada vez mais, pessoas deixarem de me procurar. Concomitantemente, nosso sofrimento também aumentou.
O chicote passou a uivar mais cedo e notava-se que todos ali estavam revoltados e descontentes. Aumentando os sentimentos infelizes, aumentava a capacidade de obsessão. Enfraquecidos, a maioria ali eram médiuns em potencial de vampiros astralinos que encontraram um campo fértil de ataque.
As doenças ali dentro aumentavam, os sonhos ruins, os ânimos alteravam-se. Mesmo aqueles que moravam ali, não me procuravam. Fui isolado por todos e muitos, de repente, deixaram de conversar comigo.
Procurei não me abalar e, em vez de ficar remoendo pensamentos ruins, cantarolava durante meu trabalho. O negro sempre cantou durante sua escravidão. O cântico ocupa a mente e, dependendo dele, vira uma prece. Cantava velhas cantigas que aprendera com os negros da senzala, algumas com palavras que já nem eu mais entendia. Mas cantava. Enquanto trocava uma muda de flor daqui para acolá, saudava a vida, saudava a Deus, saudava aos anjos de nossa terra que vieram conosco, quando aportamos no Brasil.
Ação e reação. Essa lei de Deus é a mais constante em sua obra.
Logo o menino, que sempre foi tão saudável, começou a apresentar sinais de doença. Caía com febres pesadas, do nada, e acordava aos gritos durante a noite. A criança, que sempre foi tranqüila, apresentava sinais de rebeldia quase incontroláveis.
E, em uma dessas noites após meu trabalho, quando acendia um toco de vela diante da imagem de Nossa Senhora que eu havia esculpido há tantos anos atrás quando ainda tinha mãos sadias, alguém da casa grande apareceu na entrada da senzala. O "negrinho da mão seca" era chamado às pressas para atender.
Peguei meu rosário, feitos de contas de sementes de Lágrimas de Nossa Senhora (já que nunca tivemos recursos para fazer um de prata, como usavam nossos senhores), minhas ervas, meu cigarros, uma faca enferrujada que sempre usava e mais alguns pertences postos em uma pequena sacola de retalho de saca. Lá fomos, no breu da noite sem lua, pela estradinha que levava à casa grande.
Quando entrei, já ouvi o choro descontrolado de Sinhá Juliana.
O menino ardia em febre e parecia feito de cera sobre a cama de seu quarto.
Apertei o chapéu de palha entre as mãos, resmungando um cumprimento em meu português tosco, não aprendido com professores ou escolas.

Sinhô Fernando olhou-me de alto a baixo, naquele desprezo como se eu exalasse algum fedor insuportável. Sinhazinha agarrou minhas mãos calejadas e implorou que eu fizesse alguma coisa.
Preparei meus materiais e passei a fazer uma troca fluídica. Enquanto passava a faca sobre o menino, o metal absorvia os fluidos densos, deletérios ao qual ele estaria preso. Como médium, sem compreensão à época, sentia-a cada vez mais pesada e quente em minha mão. Lavei-a cuidadosamente nas ervas e repeti esse procedimento várias vezes, entabulando preces e rezas cujo som sempre terminava em rima, quase em um som monótono, quase monocórdio.
Estava nervoso pela presença dos senhores, ainda mais ao lado de Sinhô Fernando ao qual eu nutria muito medo. Mesmo assim, nossos amigos espirituais ligados à Natureza respondiam-me, pressurosos, trazendo-me bálsamos das matas, dos ares, do mar.
Quando terminei, o menino já mostrava indícios de melhora através de um suor abundante que encharcava suas vestes.
As negras velhas, da casa grande, imediatamente cercaram o menino e trocaram suas roupas. Sinhá Juliana agradeceu-me, esquecendo de sua condição tão superior a minha. Humilde e medroso, disse estar sempre à disposição.
Fui levado à cozinha e lá me serviram um prato cheio das sobras do jantar. Carnes, frutas e doces ao qual eu nunca provara. Comi com regalo e ainda recebi uma pequena trouxa para levar aos meus filhos e amigos que lá ficaram.
E naquela felicidade quase santa, retornei à senzala com o coração brandindo em fé e gratidão. Cheguei com um enorme sorriso e abri a trouxa no meio de meus irmãos. E vi, olhos cheios de lágrimas, avançarem às guloseimas. Deus... como tão pouco pode fazer alguém tão feliz! Meu Deus! Como tão pouco, pode!
Com isso, Sinhô Fernando foi obrigado a tolerar-me, ainda mais com as exigências feitas por Sinhazinha. Soube que até Sinhô João Malaquias também interferiu por mim. E, pela intervenção do Alto, foi possível prosseguir em meus trabalhos ajudando a todos que me procuravam.
O que me incomodava, eram os afoitos. Uns já diziam que o "negrinho da mão seca" era santo. Que nada havia que suas benzeduras não pudesse curar. Uns me procuravam e queriam saudar-me como se eu fosse alguma coisa do outro mundo. Resmungava e era malcriado, com certeza. Meu modo de ensinar-lhes era dizer que nada daquilo era verdade. E era do meu modo. De alguém criado nos confins de uma senzala perdida no meio do mato, com certeza. Que aquela gente bendizesse a Deus, isso sim! Que bendizesse aos santos! Aos Orixás aos quais eu não podia dizer seus nomes ao branco! Ora, fossem plantar batatas! Tinha trabalho a fazer e, nas poucas horas de descanso, atendia um ou outro sem reclamar.

Aquela movimentação, mesmo discreta, passou a fazer circular energia positiva naquele pântano estagnado, espiritualmente falando. E mesmo Sinhô Fernando sentia-se melhor com gente que sentava em sua sala, bebia uma xícara de chá ou café e contava casos divertidos ou interessantes.
E, quanto ao menino, nunca mais teve aquelas crises de choro, gritos ou febre. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!
Anos se passaram, dentro dessa rotina de trabalho voltado ao bem.
Um dia desses, enquanto remexia os canteiros sob o forte sol de verão, ouviu-se um estampido. Um tiro vindo da casa grande! E não se passou muito tempo quando se ouviu gritos lancinantes vindos de dentro. O que acontecera, meu Deus? Caminhei rapidamente, para o início da pequena escadaria que dava para a varanda e esperei, ansioso alguma notícia.
- Mão Seca! Mão Seca! Sinhô Fernando se matou!
Senti um arrepio gelado que me deixou de cabelo em pé. Fiz o sinal da cruz e chamei todos os santos de minha sincera devoção. Na mesma janela, que dava para a frente da propriedade, Sinhô Fernando fez a loucura de colocar o cano de sua pistola na boca e disparou. Obsedado há anos pelos espíritos vingativos, não suportou mais a solidão, o abandono, a vergonha pública. E naquele dia de verão, sem nenhuma razão de ser, meu senhor deixou o mundo...
Durante o velório, em meio à pequena capela da família, ficamos do lado de fora, chapéu arriado, cochichando incrédulos, assustados. Será que havia recebido notícia da mulher que um dia lhe abandonou? Como estariam os negócios da propriedade? Seríamos vendidos? Para onde iríamos, o que fariam conosco? Quem chorava com intensidade era Sinhazinha Juliana. Acabara ali o resto de família que tinha, ficando de sangue apenas o filho. Porque Sinhô João Malaquias era seu marido, mas não havia muita afinidade, já que ele pouco parava em casa à noite. Deus... tive a impressão de ouvir uma gargalhada sarcástica, sinistra, vindo do interior daquela casa grande! Fiz o sinal da cruz com raiva e apertei meu rosário, feito de contas de lágrima-de-nossa-senhora dizendo, comigo mesmo, que isso era uma malvadeza feita... e que Jesus não abençoava os suicidas! Os anjos haveriam de fazer alguma coisa. Isso não ia ficar assim!
E, pela primeira vez, nosso novo patrão deixou a gente entrar na capela para nos despedir do cadáver de Sinhô Fernando. Rosto e cabeça envolvido em faixas, roguei que tivessem piedade de sua alma.
Muitos pensam que após desatinos na vida, alguém virá, na próxima reencarnação já sofrendo as reações. Digo isso excetuando o suicídio que fere, profundamente, a matriz perispirítica impedindo a formação adequada do corpo de um feto saudável. Muitas vezes são necessárias várias vidas, muitas vidas, para que alguém sofra as conseqüências.

Vou explicar. Eu, por exemplo, fui mago negro durante minha reencarnação no Egito. Houve várias outras onde, é claro, fui sofrendo gradativamente as reações e, ao mesmo tempo, exercia o aprendizado de meus erros. Não é assim: hoje você faz, amanhã resgata. Não! Não é assim! O perispírito, tal qual esponja, vai acumulando resíduos durante várias vidas e, quando chega um ponto de saturação insuportável, torna-se necessária uma reencarnação de pesado resgate, como tive sendo escravo no Brasil. Esse é um mecanismo justo e misericordioso de Deus. Durante esse tempo é possível alguém, em reencarnações nesse processo, resgatar suas dívidas e ficar livre de expiações dolorosas. Eu, entretanto, só fui despertar para a luz durante minha vida como monge franciscano, na Itália, exercendo o bem e cultivando o bom hábito de leituras saudáveis, construtoras. Custei a amadurecer e chegou um ponto tal que tive de aceitar vir nessas condições... o que, louvado às Alturas, me foi concedido. Foi esse o ponto de libertação. Foi esse o ponto onde abandonamos a roda de Samsara e ficamos livres das expiações.

Sinhô João Malaquias era um homem mundano, irresponsável até como marido... mas excelente administrador e homem de extraordinária bondade. Tratava-nos com respeito e até carinho e nunca falava conosco em tom áspero ou humilhava-nos. Salvo seu pai que era um homem ríspido, orgulhoso e intratável... mas nós não éramos seus escravos! A partir do momento que ele tomou conta de nós, esquecemos o fantasma da fome e do abandono e pudemos ter um pouco mais de conforto e respeito.

Muitas vezes, quando não vou para as ruínas de Luxor no Egito, vou visitar o que sobrou da casa grande. Ah, sim. Ela ainda existe. Lá está o alicerce, lá estão as paredes, destruídas até a metade. O mato tomou conta. O netinho de Sinhô Fernando foi para a cidade e parece-me que aquelas terras estão em disputa judicial. Quando volito até o local onde foi a senzala, encontro apenas uma roda de árvores frutíferas que ficaram, resquício de nós ali quando plantávamos as sementes para saciar nossa fome. Com certeza, ninguém mais lembra disso. Olho aquilo tudo e sinto um aperto no coração. Uma saudade, uma enorme tristeza. É difícil de explicar.

Alguns de meus filhos, quando ficaram adultos, foram vendidos. Quem é pai, quem é mãe saberá do quê estou falando. Separar-se deles para nunca mais os ver. É pior que a morte, é uma dor pungente que estraçalha qualquer alma. Vi meus negrinhos indo para outras mãos, cujo consolo era saber que iam ser felizes, morariam em boas terras e que seriam bem tratados. Sinhô João Malaquias, nesses dias, pousava sua mão em meu ombro e brincava comigo, dizendo que eu não me preocupasse. Iam construir suas vidas, iam fazer e aprender coisas novas.

Naqueles tempos já havia menos escravos na propriedade. Ou estávamos muito velhos, ou tínhamos sido vendidos. Tinham mais peões e empregados. Eu envelhecia com saúde, pela bênção do Alto, e via aquelas terras prosperarem, graças à inteligência de meu senhor. Dizem que adquiria terras na cidade grande, que aumentara muito a riqueza da família. Mas isso eu não sabia. Era um escravo já de carapinha branca, apoiado em uma bengala de galho limpo pela minha faca de benzedura, mas com todos os dentes na boca que não tinham sido quebrados na surra de minha fuga. Brancos e perfeitos como as pérolas do colar de sinhazinha!

Um belo dia fui chamado na casa grande. Nosso menino crescera e já era um belo garoto de olhos castanhos e vivos. Estava sentado na sala e olhou-me com carinho.

- Oi, vô! Vou estudar na cidade!

Cumprimentei-o, com muito medo, e não entendi o quê queria dizer.

- Vá'mbora, fio?

- Vou sim!

Fiz um "hum" prolongado, quando vi meu senhor entrar, garboso. Sentou-se na cadeira, parecendo feliz.

Não esperava por isso.

Disse-me, naquela manhã radiante de Sol, que já comentavam pelas paragens que haveriam de, mais cedo ou mais tarde, libertar todos os escravos. Era uma questão iminente. Que meus serviços já não eram necessários porque eu estando tão velho já não servia para a lida dos canteiros.

Pouco conseguia ouvir, cego pelo nervosismo. Tremia da cabeça aos pés, sem compreender onde ele queria chegar.

Disse-me que era grato por tudo o que eu fizera por ele e por sua família e que Sinhazinha Juliana tinha uma verdadeira veneração por mim. A partir daquele dia ele me faria livre...

Quando me disse aquela palavra, deixei a boca tombar, sem acreditar no quê estaria ouvindo. Livre? Eu?

Desatei a chorar feito criança. Apertei o chapéu contra o peito e disse-lhe que eu agradecia... mas para onde eu iria? Nasci e cresci nos fundos daquela propriedade, nada sabia do mundo! Já era velho e, longe dali, passaria privações ainda piores. Que tivesse misericórdia!

Ser livre, para a grande maioria dos negros, nunca foi sinônimo de felicidade. Ser negro e ser livre em um país que hostilizava nossa cor de pele era uma provação ao qual poucos se aventuravam. Para minha surpresa, Sinhô João Malaquias riu-se muito e disse-me que eu estava livre a partir de então... construísse um barraquinho para mim nos confins da propriedade, dentro do mato que dava aos fundos. Que não haveria de passar fome, nem sofrer priva-

ções. Lá eu poderia fazer minhas benzeduras e receber visitas desse ou daquele. Sabia perfeitamente que eu já estava velho, mas também poderia fazer uma pequena roça para meu sustento ou ele mesmo enviaria alimentos.
Recebi o afago de Sinhazinha Juliana que, carinhosamente, disse-me que eu era o responsável pela vida do menino. Muitas vezes o salvara disso ou daquilo e que eu merecia, após tantos anos de dedicação, ter meus últimos tempos na terra em paz.
Ter a minha própria roça! Ter meu barraquinho! Poder acordar e dormir a qualquer hora, fazer a minha comida, ter as minhas galinhas, meus porcos! Fazer as minhas benzeduras e conversar o que quisesse, sem ter medo! Que fortuna era essa! O que havia acontecido?
Só acreditei quando pousaram algumas tábuas e apontaram-me uma pequena picada, que dava ao interior do mato. Ali eu poderia construir, ali eu poderia roçar.
Com a ajuda de dois irmãos meus, mais jovens e fortes, construíram uma peça equivalente ao tamanho de nove metros quadrados, nos dias de hoje. Socaram a terra de meu chão, deixando-a lisa e brilhante. Puseram um telhado de capim. Casa de tábua! Pintei-a de branco, caiando-a, naquele deslumbre de estar erguendo um castelo. Ajudaram-me a fazer pequenos cercados para galinhas e porcos e deram-me alguns animais para começar. Logo vi, mascando um cigarrinho, sentado na porta de meu barraco, as espigas de milho apontar. Iria, pela primeira vez, comer algo produzido por mim... para mim!
Construí, em destaque, um pequeno altar onde pus a imagem de minha Nossa Senhora, ganhei algumas imagens de santos. Improvisei como pude. Ao lado construí uma cama (uma cama!) suspensa do chão, sobre tocos de madeira. Nela pus, orgulhoso, minha esteira. Improvisei alguns bancos e uma mesa feitos, igualmente, de tocos. Era meu palácio e era enormemente feliz! Não houve um dia que eu não acendesse uma vela (graças aos presentes que recebia agora tinha velas) e bendisse a força de Deus e de Jesus, aos Orixás da terra de meus ancestrais, aos anjos do Céu!
Benzi e trabalhei ainda por muitos anos. Um dia, ao final da tarde, senti um grande cansaço e tive de deitar... uma falta de ar, um peso no corpo. Dei um suspiro longo e ali fiquei.
Soube que acharam meu corpo depois de alguns dias. Enterraram-se ali mesmo e teria recebido algumas lágrimas de Sinhazinha Juliana, agora já uma senhora idosa.
Suspirei longamente e fui abrindo meus olhos...
Estava deitado, na mesma posição, em algum lugar onde não tinha móveis, nem chão. Era um oceano de luz ao qual eu não tinha condições de compreender.

Até o instante que vi sair, do meio de um foco ainda mais luminoso, uma silhueta que foi tomando forma, à medida que se aproximava de mim. Uma mulher branca, de olhos meigos, estendeu-me os braços.
Aquilo saiu de meu peito, em um grito de dor e alegria.
- Minha mãe! Oh, minha mãe!
Desperto na espiritualidade, o espírito benfeitor daquela que havia sido minha mãe e companheira em algumas vidas, vindo várias vezes comigo com o intuito de auxiliar-me em meu aprendizado, descia do plano espiritual superior ao qual pertencia para abraçar-me, agora já liberto, em minha nova realidade! Atirei-me aos seus braços, qual criança cheia de saudade, e cobri seu colo com soluços, lágrimas sentidas.
Abracei-me a ela e senti, qual pluma, ser carregado em direção a um lugar que me pareceu o verdadeiro paraíso. Morros verdejantes, córregos frescos, cores resplandescentes aos quais nunca vira. Onde era e porque eu não tinha medo se eu flutuava, voava sobre alturas aos quais eu nunca imaginara? Sentia-me bem, livre, solto, do mesmo modo quando sonhamos que estamos a voar, quando encarnados.
Fraco, ainda sentindo o peso da carne, fui posto suavemente sobre uma maca e levado para um enorme prédio, extremamente confortável e luminoso, por pessoas cujos rostos transpareciam doçura e confiança. Tinha perfeita consciência de que eu tinha morrido nos planos terrestres.
Muitos crêem que há diversas colônias espirituais de acordo com as tarefas e evolução do indivíduo ou mesmo de acordo com as religiões que tivemos. Isso não é verdade. As colônias são as mesmas para todos, o que diferencia são os grupos que lá formamos com tarefas e funções diferenciadas. Lá, com permissão superior, criamos nossos recantos. Essa colônia, chamada Renascer, é uma das mais antigas nesse país e remonta ao final do século XVI. Lá foram construídos recantos por antigos espíritos de escravos que traduzem a afinidade espiritual aos espíritos da Natureza e seus trabalhos benfeitores à Humanidade.
Verdade é que nunca sabemos, ao certo, como nossas ações serão interpretadas pelos espíritos orientadores de nosso reencarne. Mesmo sob a vigilância de nossas consciências, será sempre uma incógnita. E mal cheguei, tive medo. Como haveria de ser julgado? Será que havia feito tudo o que podia pelo meu progresso? Ali, diferentemente de tudo o que eu vira quando vivo, encontrava espíritos de brancos, negros e índios atarefados, em conversas amigáveis por todo o lugar. Naturalmente, onde estava, fui isolado em tratamento com espíritos de outros escravos já que, logo ao desencarnar e naquela época, poucos eram os que aceitavam estar no mesmo quarto que alguém como eu. Entretanto, era atendido com respeito e muito carinho por pessoas de todas as cores e

isso me assustava. Desde quando um branco estendia um copo de água para um negro? Ali, entretanto, acontecia.
As colônias sempre seguem, de forma aproximada, ao padrão de progresso tecnológico do orbe e, naqueles tempos, era muito rústica, mas muito limpa, bem tratada, luminosa em todos os sentidos. Logo que me senti melhor, um homem amorenado, de rosto severo, sentou-se ao meu lado para conversar comigo. Após perguntas comuns de como eu estava me sentindo, como estava sendo tratado e qual meu grau de consciência, passou a descrever a minha vida e o notável desenvolvimento ao qual eu havia sido capaz de criar para mim mesmo. Estupefato, ouvi que havia sido um bom médium e tudo o que eu havia feito pelos outros representou minha libertação ao jugo da carne e da imposição do reencarne como meio de purificação. Mesmo em minha humildade, compreendia perfeitamente o uso correto das palavras como se eu pudesse ler seu coração. Ouvi tudo aquilo silenciosamente, quando ele identificou-se e passou a narrar fatos de nossas vidas pregressas. Aquele espírito superior era Herihor, o velho sacerdote no Egito que eu, um dia, tanto havia desprezado.
À medida que ele falava, era como se uma criança dentro de mim despertasse. Já de posse de minhas faculdades em plenitude, livre do corpo e da idade avançada ao qual eu desencarnara, sua narrativa desfilou em minha mente em inumeráveis imagens ao qual eu bastava, simplesmente, recordar. Imediatamente pus-me de pé, corpo ereto sentindo-me muito mais jovem e disposto. Sentia meu plexo frontal e coronário serem fortemente reativados percebendo, de imediato, que não estávamos sozinhos. Outros espíritos, de hierarquia muito superior a nossa e que eu não podia ver, assistiam ao meu despertar e enviavam fortes eflúvios para que eu pudesse acelerar o processo.
Ao mesmo tempo que eu me sentia refeito, pesada amargura assomava-se de meu coração. Lembrava de meus terríveis débitos ligados à magia negativa e às idéias absurdas de que somos “donos” dos espíritos, que pudemos manipulá-los a nosso bel-prazer sem nenhuma responsabilidade. Recordei o que havia passado no umbral anteriormente e todas essas imagens desastrosas, responsáveis por séculos de tortura de minha alma, foram capazes de mostrar, em um milésimo de segundo, a imensa, infinita misericórdia de Deus para conosco porque Seu julgamento sempre é leve se comparado às nossas execráveis ações!
Minha dor só era comparável ao meu arrependimento, ao qual Herihor deixou claro que não tínhamos lugar para auto-piedade, nem lamentações. O plano superior urge sempre em atitudes que não permitem a menor perda de tempo. Lembrou-me que, por minha passagem pelo Egito, deixara ainda muitos espíritos aos quais lembravam de mim e tinham veneração e obediência pelo papel que lá representei. Muitos lembravam de meu nome, ao qual eu pedi, se fosse

possível, que não fosse mais pronunciado. Por analogia de sons, "Antef" passou a ser "Estefano" que eu, em tudo, achei adequado.
Em muito pouco tempo minhas lembranças conduziam meu conhecimento adquirido de volta e minha lucidez, como espírito, abriam-me os horizontes. Unido a meus irmãos, passei a trabalhar na área doutrinário/evangélica cujo conteúdo, eu como sacerdote em tantas vidas, fui capaz de dominar. Chegavam levas e levas de espíritos, duramente comprometidos com a escravidão ao qual tentávamos demover idéias profundamente arraigadas à violência e ao preconceito irracional ao qual estavam prisioneiros.
Meus trabalhos, no plano espiritual nesse período não são tão importantes quanto as notícias que chegavam até nós.
Quando outros autores falaram que o Brasil seria o coração do mundo, pátria do evangelho, muitos irmãos acharam que o país haveria de entrar em um período de prosperidade material e haveria de disseminar riqueza ao globo como uma nova Roma. Creditaram, a esses autores, excesso de otimismo e criticaram duramente suas palavras. Do mesmo modo que perguntaram ao Cristo se ele seria um rei, o Mestre dos Mestres respondeu que seu reino não era desse mundo. Esse é o papel do Brasil. País cuja índole não é ser necessariamente um império no sentido físico da palavra, pois foi formado pelas três raças mais religiosas do mundo, em seu tempo. Lembramos ainda que em terra alguma há tantos médiuns e a prática da comunicação com os espíritos é tão banal quanto bem orientada. Império dos valores evangélicos no mundo, essa é e será sua função. E mais: diametralmente oposto aos seus valores espirituais são seus pesadíssimos débitos.
Seus débitos relacionam-se ao extrativismo, de um modo geral, ao desrespeito a seus recursos aos quais, abundantes, foram diariamente dilapidados. O manancial de riquezas foi, desde o princípio de sua história, alvo de cobiça e perversa exploração onde, em nenhum momento, esses mesmos exploradores quiseram construir ali uma pátria. Esses espíritos, que representam um número considerável, chegam aos planos maiores em terrível sofrimento deixando, para trás, resquícios cármicos que precisavam (ou precisam) um trabalho árduo, constante, de espíritos abnegados.
Aliado à cobiça de seus corações, essas falanges de espíritos compromissados descem, através do reencarne, em tristes quadros de miséria e sofrimento onde se nota ainda a busca da riqueza fácil e irresponsável patente ainda nos quadros de criminalidade. A idéia de levar-se vantagem, sem muito esforço, não é uma virtude. Está encravada na alma desses espíritos que trazem ainda impressa consigo a imagem do desbravador que retirava a riqueza do pau-brasil, que assassinava índios que se opunham à invasão de suas terras, àqueles que buscavam pessoas livres de outras nações para servirem em quadros de absur-

da miséria e escravidão. Foram décadas, séculos de atitudes bárbaras aos quais chegou a tal nível, visto pelo ponto de vista de nossas colônias, que valeram a intervenção dos espíritos responsáveis pelo progresso espiritual dessa nação. Ou seja, chegou-se a um limite insuportável!

Ao mesmo tempo que o Brasil assumia esse tipo de débito coletivo de grandes proporções, também era notável seu progresso vindo, justo e ironicamente, dos espíritos que haviam, como eu, retornado à espiritualidade através dos vínculos à escravidão. Trabalhávamos arduamente, ininterruptamente, em ensino constante do amor e perdão a esses espíritos endurecidos. Fomentávamos o mediunismo sadio entre nossos descendentes. Lutávamos pela espiritualização em um todo lugar.

Logo em seguida soubemos, com grande alarde, da Lei Áurea libertando de uma vez por todas os escravos. Por outro lado, ficamos extremamente apreensivos porque nossos irmãos em Humanidade encontrariam pela frente um ambiente hostil que não lhe daria oportunidade nem auxiliaria na recuperação de tudo aquilo que havia sido tirado.

A Lei Áurea, para nós, foi sinônimo de lançar indivíduos inocentes às covas dos leões. Todas as colônias espirituais uniram-se em fluxos poderosos de preces ao Altíssimo implorando, mendigando sua augusta misericórdia...

Isso já era final do século XIX... pouco tempo depois da libertação dos escravos.

Por outro lado, o Espiritismo, doutrina codificada por Allan Kardec aportava no Brasil e encontrava, nos corações mais evoluídos, terra fértil para suas idéias. País de profundas raízes espiritualistas, as idéias trazidas pelo Espírito de Verdade encontrou de pronto eco nas vozes e atitudes de seus filhos já cansados de explicações não coerentes ou doutrinas fatalistas que condenaria à eternidade dos Infernos ou Paraísos Celestes onde a inércia era a nota dominante. Enquanto os espíritos ligados à excelsa figura de Ismael planejavam o reencarne de médiuns que haveriam de solidificar as idéias espíritas, acontecia entre nós uma grande apreensão.

O Espiritismo, vindo da Europa alicerçado pelas idéias científicas, abrilhantava os primeiros tribunos cujas palavras, cheias de qualidade de espírito, encantava platéias. Platéias essas que representavam uma grande minoria que tinha algum conhecimento, naquela época. A grande massa, a grande população não tinha acessos às escolas, ao português letrado, às menções dos clássicos. A grande massa mergulhava no mais profundo fosso, no mais profundo túnel de escuridão.

E as preces das colônias agigantavam-se, chegando aos ouvidos de Ismael. Que, por sua vez, fez chegar aos seus superiores até os pés excelsos do Mestre Jesus.

E mal havia acabado a escravidão, fomos convocados às pressas a um grande encontro espiritual de todas as colônias, feita sobre a região conhecida como o norte do estado do Rio de Janeiro.
Eu estava lá.
Naquela natureza exuberante, centenas de milhares de espíritos formaram um grande círculo, em uma formação semelhante ao que seria uma arena ou anfiteatro, para escutar orientações aos quais, surpresos e em grande curiosidade, esperávamos ficar cientes.
Para nossa surpresa, apresentaram-se espíritos afinizados com a causa como o poeta Castro Alves, José do Patrocínio ainda reencarnado (e em desdobramento pelo sono físico), Tiradentes e outros que assumiram outras roupagens menos ilustres nesse país, porém nem por isso menos luminosas, aguardavam a chegada daquele que haveria de orientar a explanação naquele dia.
O centro, banhado em luz como se recebesse ali estrelas, uniu-se em prece para recebê-lo.
Um dos emissários diretos de Ismael descia, visão estonteante para nossos olhos, para trazer um consolo às nossas preces. Sua presença e sua voz irradiava uma sensação que, para nós, era a emanação da mais sublime rosa, do maior esplendor aos sentidos que eu poderia descrever aqui.
Foi-nos explicado e estabelecido diretrizes. O Brasil, trazendo em si a chaga da ausência de amor por séculos de erros, mereceria, pela misericórdia do Alto e pelos méritos do trabalho sublime através do mediunismo sadio de seus filhos ligados ao bem, a misericórdia e a intervenção imediata do Alto. Foi-nos comunicado o reencarne iminente de dois espíritos que, cada qual, haveria de estabelecer os alicerces de um novo trabalho sobre a terra do Cruzeiro.
Naquele momento, os espíritos benfeitores já traziam, através das pérolas do esclarecimento, a luz do Espiritismo que se disseminava nos lares e nos corações preparando a chegada do primeiro. Entretanto, o conhecimento por si só não bastava. Os valores da alma tinham de ser reeducados de imediato, senão as idéias voltadas ao preconceito, ao desamor, à xenofobia aviltante, ao congelamento das classes sociais e todos os males relacionados a esses problemas seríssimos cristalizariam nas almas invigilantes.
E ouvimos, boquiabertos, que esperavam que nós, justamente as vítimas em todo esse processo, erguêssemos as mãos em um verdadeiro maremoto de amor e luta para que isso começasse a mudar.
Ninguém melhor que nós, especialmente espíritos que haviam desencarnado na roupagem de negros e índios, compreendíamos esses valores e seríamos capazes de executar essa tarefa.
Enquanto o Espiritismo doutrinava e esclarecia naqueles tempos com brilhantismo, convencendo a intelectualidade brasileira dos valores maiores, a popu-

lação abandonada não ficaria sem consolo. O que já vinha acontecendo aqui e acolá, em molde quase experimental, haveria de explodir nesse país como uma bomba de amor. E esperavam que, justamente nós, seríamos aqueles que haveriam de encaminhar esse processo de redenção.

Assim o plano maior delimitava, logo adiante, uma bifurcação. Enquanto o Espiritismo expandiria o conhecimento através de seu médium psicógrafo, um outro haveria de executar um trabalho mais anônimo, mas cujos frutos mostram muito bem essas articulações dos espíritos superiores mostrando, claramente a quem quiser ver, que Deus jamais esquece dos seus filhos.

Ao voltarmos para nossas colônias, muitos de nós não conseguíamos perceber os caminhos já pré-traçados pelos espíritos responsáveis por esse movimento. Contudo tínhamos consciência que algo novo haveria de acontecer de extremamente positivo. E estávamos muito, muito entusiasmados.

E vimos, com alegria, o estabelecimento do reencarne daquele que corajosamente haveria de impantar, se pudermos exprimir assim, um "espiritismo popular" que tivesse o sotaque do branco, do negro e do índio. Tivesse cheiro de mato e chegasse, de pronto, ao coração do mais humilde.

Um de nós, espírito de grande doçura e disciplina, ligado aos grupos indígenas pelos vínculos de inumeráveis reencarnações, uma delas como devotado irmão jesuíta, pediu, tal qual escafandrista que não sabe o que iria encontrar pela frente, descer na roupagem material, vindo a reencarnar no Brasil para o início desses trabalhos.

E imprimiu, com força no corpo físico, as marcas de sua mestiçagem como bandeira de luta na verdadeira guerra que iria se iniciar a partir dali. Esse irmãozinho chamou-se Zélio Fernandino de Moraes e, como todo espírito missionário, veio em humildade e com poucos recursos para provar que mediunidade em Cristo não são necessários os louros da Terra.

Eu estava, graças a Deus, assistindo aos trabalhos espirituais em Niterói naquele dia 15 de novembro de 1908. Era um dos milhares que se aglomeravam ali, em meio àquela sessão espírita, para auxiliar na incorporação de nossos irmãos.

Uma multidão, um exército espiritual dirigiu-se àquela sessão espírita onde, pela primeira vez, um culto que já vinha amadurecendo iria firmar raízes seguras a partir de então.

Foram escolhidos a dedo, por nossos orientadores, quais espíritos de caboclos e pretos-velhos haveriam de incorporar naquela noite. Estávamos alvoroçados e muito tensos, rogando a Deus que em nenhum momento os ditames do livre-arbítrio do médium não fosse desviar os trabalhos de sua rota já pré-estabelecida. Infundíamos, naquele menino, permanente votos de coragem e discernimento ao quê faria a partir de então.

Quando o espírito que se chamou Caboclo das Sete Encruzilhadas deu suas primeiras palavras, foi impossível conter a emoção. Disse que não haveria de ter caminho fechado para ele e que, a partir daquela noite, um novo culto seria estabelecido.
E assim aconteceu inexoravelmente.
Sustentado pelas falanges de Ismael, o severo Caboclo impôs as normas daquilo que mais tarde chamou-se Umbanda. E não precisou muitos anos sete terreiros eram fundados ditando, a partir daí, a padronização desses trabalhos. Impôs regras e normas, disse o que podia e o que não podia ser feito, ensinou e dirigiu com mão de ferro. Quando queria falar, suas palavras exalavam a superioridade ao qual pertencia. Porém, via-se nele em todas as atitudes, a materialização da ação como organizadora e disciplinar.
E observem os amigos, os destinos dessas duas irmãs. Uma, vinda para esclarecer e seduzir as mentes com o esclarecimento mais sublime. A outra descia, aos mais infelizes, para aplicar a caridade e consolar, falando a linguagem dos mais fracos. Poucos irmãos na Terra perceberam isso mas talvez, agora, possam enxergar que, assim, Jesus abraçou o Brasil sem esquecer de nenhum de seus pequeninos.
O que posso revelar, permitido por meus orientadores, é que muitas coisas haverão de mudar a partir de agora. Como todo culto ou religião, de tanto em tanto tempo o plano espiritual precisa intervir para reordenar sua caminhada para que não haja desvirtuamentos de seus objetivos. Ou muda, ou desaparece, quando não atinge suas metas.
E dentro daquilo que me foi estabelecido, sou um dos muitos cuja missão é transmitir o conhecimento através da escrita. Eis porque o irmão leitor agora me lê. E muitos outros o farão.
Eu, que fui sacerdote no Egito, África e Europa, venho agora na modesta figura alquebrada de preto-velho, em um terreiro escondido nos rincões do Brasil, mas cuja voz ecoa de canto a canto desse país. Porque meu trabalho não é propagar pela imagem, mas pela fé e pela palavra.
Mudanças urgem e sou um dos tijolos que construirá um novo horizonte à Umbanda onde haja verdadeiramente amor, caridade, humildade, abnegação em socorrer os mais infelizes, como foi estabelecido desde o princípio pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.
Contei-lhes até onde me foi permitido e encerro esse trabalho de psicografia em um dia quinze de novembro....
Que haja para sempre a luz de Jesus em seus corações!
Um filho da humildade.
Preto-Velho Estefano do Oriente